

17

Maio
de 2018

Entrevários

Revista de Psicanálise



Interpretação



CLIN-a

Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade

Associado ao Instituto de Campo Freixo de São Paulo

17

Setembro
de 2018

Entrevários

Revista de Psicanálise

Interpretação



CLIN-a

Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade
Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo

Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade

(Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo)

Entrevários – ISSN: 1982-0798

Revista de Psicanálise

Diretores:

Luiz Fernando Carrijo da Cunha

Rômulo Ferreira da Silva

Consultora Científica:

Marie-Hélène Brousse

Editora:

Cynthia Nunes de Freitas Farias

Redação

Cynthia Nunes de Freitas Farias (cynthianffarias@gmail.com)

Comissão Editorial

Alessandra Sartorello Pecego (*São Paulo*)

Cynthia Nunes de Freitas Farias (*São Paulo*)

Eliana Machado Figueiredo (*São Paulo*)

Milena Vicari Crastelo (*São Paulo*)

Paola Salinas (*Ribeirão Preto*)

Colaboradores deste número

Camila Popadiuk (*São Paulo*)

Felipe Bier (*Campinas*)

Valéria Ferranti (*São Paulo*)

Vera Avellar Ribeiro (*Rio de Janeiro*)

Rosângela Santos (*São José dos Campos*)

Correspondente

Ligia Gorini (*França*)

Conselho Diretor do CLIN-a:

Presidente - Valéria Ferranti

Diretora-Secretária - Milena Vicari Crastelo

Diretora Tesoureira - Alessandra Sartorello Pecego

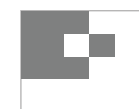
Conselho Técnico

Alessandra Sartorello Pecego

Angelina Harari

Cássia Maria Rumenos Guardado

Cynthia N. de Freitas Farias
Heloisa Prado Rodrigues da S. Telles
Luiz Fernando Carrijo da Cunha
Maria Cecília Galletti Ferretti
Maria Josefina Sota Fuentes
Mônica Bueno de Camargo (Presidente)
Patrícia Badari
Rômulo Ferreira da Silva
Valéria Ferranti



CLIN-a

Centro Lacaniano de
Investigação da Ansiedade
Associado ao Instituto do
Campo Freudiano de São Paulo

Rua Ernest Marcus, 91
São Paulo-SP - Brasil - 01246-080
Telefax: +55 11 3675 7689 | +55 11 2362 4923
clin-a@uol.com.br - www.clin-a.com.br

Envio de textos

Rômulo Ferreira da Silva (romulofs18@gmail.com)
Cynthia N. de Freitas Farias (cynthianffarias@gmail.com)

Design gráfico

Bruno Senna

Impressão

Tiragem

SUMÁRIO

11 Editorial

Milena Vicari Crastelo

15 Referência

17 Os limites da Interpretação

Marie-Hélène Brousse

45 Da Clínica ...

47 Seu corpo não é seu ser

Luciana Ernanny Legey

51 Sobre o conceito de interpretação e algumas funções

Marcella Pereira de Oliveira

57 O sujeito o vazio e a interpretação

Maria Aparecida Malveira

61 Interpretação e Corpo – apontamentos iniciais

Paola Salinas

65 Inconsciente interpretante

Paula Catunda

69 ... ao conceito

71 A criança, o inconsciente, a família - o que se interpreta?

Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles

79 A loucura e o Pai

Veridiana Marúcio

87 Psicanálise e a Cidade

89 Conversas com a cidade

Fabiola Ramon, Kátia Kormann Morel, Ricardo Coimbra de Mendonça, Roberta Augusta Borges Calixto Paravidini.

97 RESUMOS

106 NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Editorial

Editorial

Milena Vicari Crastelo

A Revista *Entrevários 17* é dedicada ao tema da Interpretação, este conceito esteve no cerne da doutrina e da técnica freudianas. Interpretando os sonhos Freud nos ensina o que é a interpretação, faz da técnica da interpretação parte integrante da técnica psicanalítica. Todas as formações do inconsciente – sonhos, atos falhos, chistes e sintomas – são passíveis de interpretação.

Lacan faz seu retorno a Freud se servindo da linguística e é sob este prisma que ele relê o conceito de interpretação, abordando-o de diferentes maneiras ao longo de seu ensino.

No ano de 1953, em *“Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”* introduz a ideia de que a interpretação em psicanálise pode ser uma pontuação. Em 1958, em *“A direção do tratamento e os princípios de seu poder”* coloca a questão do lugar da interpretação com o objetivo de abordar o lugar do analista. Em seu *“Seminário 6: o desejo e sua interpretação”*, começa a examinar a interpretação do desejo. Nos dirá Miller, em uma publicação da diretoria na rede de 2013 intitulada *O Outro sem o Outro*: “O ponto de partida do *Seminário* é, portanto, a noção explicitada por Lacan em seu escrito: a interpretação do desejo deve incidir sobre o nada. Ele deu a ela a célebre imagem do São João Batista, de Leonardo, apontando com seu dedo para um lugar vazio. O ponto de chegada desse *Seminário* – e isto só será explicitado por Lacan bem mais tarde – é que a interpretação incide sobre o objeto *a*. A

interpretação não incide sobre o nada, ela incide sobre o objeto *a* da fantasia, sobre o gozo como proibido e dito nas entrelinhas.”

Do primeiro Lacan ao *Ultimíssimo Lacan* muito pode se elaborar e avançar no conceito de interpretação, mas se há algo que não podemos perder de vista é que Lacan desde sempre, afirma que a interpretação analítica não pode desconhecer o real.

Nas páginas que se seguem vocês poderão ler como cada um, Membros da Escola, associados dos Institutos, participantes do Campo Freudiano, a seu modo, inscreveram no corpo desta Entrevários suas elaborações acerca do tema da Interpretação.

A orientação teórica se dá por Marie-Hélène Brousse que aborda o tema tomando como bússola Miller e a distinção que ele faz do inconsciente transferencial e o inconsciente real, *“Duas modalidades da interpretação decorrem desta distinção”*. O título *“Os limites da interpretação”* é equívoco, marca Brousse. *“O limite da interpretação é a interpretação enquanto ela é limitada, mas é também a interpretação que faz limite, que tem o poder de colocar um limite”*.

Na rubrica Da clínica temos os textos de Luciana Ernanny Legey, Marcella Pereira de Oliveira, Maria Aparecida Malveira, Paola Salinas e Paula Catunda.

Luciana Legey, a partir de um caso clínico, aborda o lugar em que a interpretação pode ocorrer. *“É na aposta de que o dispositivo da análise possa ser um instrumento possível para a localização da verdadeira causa que afeta o indivíduo e o sujeito do inconsciente² possa emergir que a interpretação pode ocorrer”*.

Marcella Pereira de Oliveira faz um percurso em Freud e Lacan para mostrar como *“A psicanálise nasce com a interpretação imbricada em sua técnica...”*, percorrendo *“sobre algumas das funções da interpretação na análise”*.

Maria Aparecida Malveira, a partir de um caso de sua clínica, discorrerá sobre a pergunta feita por Lacan: *“O que é então interpretar na transferência?”* ao analisar Dora, em seu texto *“Intervenções sobre a transferência”*. Maria Aparecida conclui com este caso *“como a interpretação psicanalítica permite furar o real que invade o sujeito, quando diante de um traumatismo*

ou de um gozo do Outro, permitindo-lhe constituir um saber no lugar da verdade”.

Paola Salinas em seu texto *“Interpretação e Corpo – apontamentos iniciais”* traz um caso clínico onde mostra a direção do tratamento tomando Lacan em seu último ensino, *“No último ensino de Lacan, a interpretação é a tática singular que interpreta o falasser. Ali a palavra, o silêncio, o gesto ressoam e tocam o sintoma como acontecimento de corpo”¹*.

“...o que se diz no que se escuta, o que se lê no que se escreve depende da interpretação”, assim Paula Catunda inicia seu texto. Encontra no texto Freudiano *“Construções em análise”* uma questão similar a que ecoa para ela, a partir de sua clínica no CLIN-a.

Heloisa Telles abre a rubrica Ao conceito, com seu texto: *“A criança, o inconsciente, a família O que se interpreta?”*. Ela irá abordar as questões da clínica psicanalítica com criança, dando um lugar especial no que diz respeito ao trabalho com os pais. *“Se temos como dado que os pais participam do dispositivo, não é nada evidente como esta participação ocorre, tampouco no que ela acarreta.”*, trazendo questões *“O que fundamenta nossas intervenções com os pais? O que visamos com nossas intervenções? O que adquire estatuto de interpretação e o que se interpreta?”*. E conclui com *“Um dos principais efeitos de formação que podemos recolher da experiência clínica é desconstruir certa visão determinista que durante tempos prevaleceu: a de explicar, de maneira um tanto rígida, o sintoma da criança a partir da posição dos pais²³”*.

Veridiana Marucio, em seu texto *“A loucura e o Pai”*, faz um percurso pela loucura do primeiro ao último Lacan e suas importantes consequências para a clínica atual.

Estudando Joyce, Lacan faz *“uma transformação do conceito de inconsciente e de final de análise. Desse momento do ensino de Lacan orientado pelo real é extraída a tese da loucura generalizada”*.

Na última rubrica Psicanálise e a Cidade, Fabiola Ramon no trabalho *“Conversas com a cidade”*, *“produzido entre e por vários”*, apresenta um recorte do percurso de seu núcleo de investigação *“Questões contemporâneas na clínica, na cultura e nas artes”*. Apresenta o modo de funcionar do núcleo e de onde retira suas referências; *“Seguimos com Laurent¹ e Brousse², que des-*

tacam que o discurso analítico pode lançar um olhar de interrogação sobre o imperativo de gozo e os significantes mestres que circulam na civilização”.

Desejo a todos uma boa leitura!

Referência

Os limites da interpretação

Marie-Hélène Brousse*

Por que eu gosto tanto de Gante?*** É muito subjetivo. Quando se gosta muito de um lugar, é por ele estar ligado a um acontecimento de discurso, uma mistura perfeita de discurso e de corpo. Aqui, para mim, o suporte – é um termo utilizado por Lacan – que é o corpo, está perfeitamente ligado ao fenômeno de discurso. É o que me dá uma satisfação – chamemos isto pelo seu nome –, um gozo bem particular que eu sinto em alguns lugares do mundo, em particular na Itália. Em Gante, é exatamente isso que se produz. Nada a ver com o fato de morar nesse lugar, o que, de imediato, deve acabar com essa bela harmonia. Da mesma forma, falar a língua deve ser também menos encantador.

Duas modalidades da interpretação

Então. Primeiro eu lhes darei minha bússola: Jacques-Alain Miller. Mais precisamente seu curso do ano acadêmico de 2006-2007, no qual ele faz a distinção entre o inconsciente transferencial e o inconsciente real. Duas modalidades da interpretação decorrem desta distinção. Eu não comentarei esse curso. Eu digo que é minha bússola.

Ele ressoa com outro curso, muito mais antigo, no qual ele havia desen-

volvido a interpretação do tipo *mais* e a do tipo *menos*. Seja do lado *menos*, a redução a uma frase, a um significante-mestre, a do Um; ou, ao contrário, do lado *mais*, a abundância, a retórica, a interpretação “barroca”, metafórica. Ele opôs autores: Bossuet (grande autor de *Orações fúnebres*), como exemplo de interpretação metafórica; o outro, ao contrário, pode ser qualquer um: René Char, Paul Valéry... Em suma, dois tipos de funcionamento da língua. De um lado, a torção barroca; do outro, a fórmula picada, a frase “zen”. Em Jacques-Alain Miller, esta elaboração precedia a diferença que ele marcará entre inconsciente real e inconsciente transferencial.

Vou então me situar nesse contexto. Eu intitulo este trabalho: “Os limites da interpretação”.

Quando eu encontrei este título, eu tinha a ideia de que não se pode interpretar tudo, que há o ininterpretável, logo, o inanalísável. Ainda que seja um deslizamento dizer isso, pois não é exatamente a mesma coisa, mesmo que vá um pouco na mesma orientação. Na época, eu tinha em mente muito mais aquilo que tropeça na interpretação. Quando eu comecei a trabalhar de maneira mais precisa sobre o tema, algo me chamou a atenção: “Os limites da interpretação” é equívoco! É sempre o caso, em francês, quando se utiliza um título com “de”. Existe a possibilidade de um genitivo objetivo e subjetivo. Exatamente como no sintagma *desejo da mãe* (*désir de la mère*). Isso pode ser o desejo *pela* mãe ou o desejo que a mãe *tem* supostamente por você. Ali é parecido. O limite da interpretação é a interpretação enquanto ela é limitada, mas é também a interpretação que faz limite, que tem o poder de colocar um limite.

A interpretação que faz limite

A primeira parte é mais conhecida. Para abordá-la, lembro-me de um livro de um universitário francês, Paul-Laurent Assoun, *Introdução à epistemologia freudiana*¹ Esta excelente obra pinta o retrato do contexto epistemológico no qual se situa a invenção freudiana. Ele mostra, de maneira muito precisa, argumentando por meio de referências aos escritos de Freud - cartas ou textos teóricos -, que, diante das duas correntes que percorriam os saberes da época (de um lado, a corrente hermenêutica que tendia muito mais para o lado das ciências humanas:

a história, a antropologia nascente...; do outro, a corrente das ciências duras, as formulações de leis e invariantes) -, Freud sempre se situou do lado das invariantes e das leis. Ele sempre recusou uma perspectiva classicamente hermenêutica, isto é, uma perspectiva interpretativa como tal. Era o cientificismo de Freud, mas também, até certo limite, o cientificismo de Lacan. Esse cientificismo leva Freud a elaborar uma teoria da interpretação a partir de uma recusa da hermenêutica. Em si, isso é bastante paradoxal.

No seminário de DEA de Jacques-Alain Miller - há no mínimo vinte e cinco anos - havíamos trabalhado a questão da interpretação. Eu havia estudado as regras da interpretação talmúdica e lido algumas referências precisas de dois rabinos bem conhecidos, dentre eles Hillel, que formulou as sete regras da interpretação. Como exemplo, uma das sete regras de Hillel é muito interessante. Trata-se da exegese da Bíblia: quando se encontra uma mesma palavra numa passagem e em outra, temos o direito de aplicar, como solução, o que é dito na primeira passagem à segunda passagem e *vice-versa*. Trata-se, então, de uma regra puramente formal que subordina o conteúdo ao aparecimento do significante.

O oposto de uma hermenêutica

As regras freudianas da interpretação dos sonhos devem ser consideradas dessa forma. Elas são exatamente o contrário de uma interpretação hermenêutica. São, por conseguinte, opostas a uma deriva do sentido. Essas regras se engancham à questão da forma do enunciado ou da matéria da qual o enunciado é feito. Os dois elementos fundamentais mantidos por Freud para a interpretação dos sonhos são a *condensação* e o *deslocamento*. A isto se deve acrescentar a negação, assim como o significante em sua particularidade, ou, ainda, o signo enquanto não dialetizável.

De fato, como compreender de outra forma a observação de Freud, segundo a qual, num sonho, trata-se de dar um lugar absolutamente fundamental a um número ou a uma palavra numa língua estrangeira, **[os quais são]** elementos heterogêneos ao sentido?

Peguem o volume *Interpretação dos sonhos*² ou *A ciência dos sonhos*, segundo outra tradução de Jankélévich. Esta segunda tradução é, afinal, bas-

tante justa, porque ela dá a conhecer a vontade epistemológica e política de Freud de fazer disso uma ciência, mesmo que não o seja. Ali, isso se materializa. Vocês têm o texto do sonho escrito em letra miúda, em itálico. Depois, numa segunda parte, o texto de todas as associações do sonhador. Vocês também encontram, às vezes, na terceira parte, a interpretação propriamente dita, que provém do trabalho da parte dois sobre a parte um. É muito metódico. Freud perguntava a seus analisantes o que eles associavam com tal palavra e, isso, para cada palavra. Não utilizamos mais esse método rígido. Por boas razões. Há uma evolução histórica do método analítico, no que concerne aos sonhos.

Aliás, toda uma parte do que se produz nas associações não é mais utilizada. Resta um rebotinho à interpretação, um dejetivo sobre o qual seria inclusive interessante fazer um estudo sistemático: o que não é utilizado nas associações para a interpretação? Esse método produz interpretações do tipo: “no carro com o tio Otto”, (*en voiture avec l'oncle Otto*), que vai dar em “autoerotismo” (*l'auto-érotisme*). Não estamos nem aí para o tio Otto, para a história que o sonho conta. Resta apenas uma construção a partir do valor do significante, do valor de equívoco do significante e um jogo entre sentido próprio e sentido metafórico. Um jogo constante que não recobre exatamente o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, mas que está em relação com eles.

Uma interpretação redução

Como situar Lacan em relação a isso?

Desde sua entrada na psicanálise - no sentido de ser um autor, uma referência, ou seja, em 1936, a partir daquilo que ele desenvolveu sobre o espelho -, ele põe em evidência, em seu trabalho sobre a imagem, uma escolha que reitera a escolha freudiana do elemento contra a escolha da imaginarização. Lacan dá à imagem um valor anti-imaginário, no sentido em que se o entende muito frequentemente, ou seja, as histórias, o sentido. Seu trabalho sobre a imagem consiste em reduzi-la à sua potência formal de atração e de fascinação, utilizando a *Gestalttheorie*, a etiologia e algumas outras disciplinas. A partir do momento em que se tem a teoria do inconsciente estruturado como uma linguagem, é exatamente a mesma orientação anti-imaginária que

aquela de Freud, na qual o significante está no posto de comando e não o significado. O significante - como fora a imagem em sua aridez perceptiva - em oposição à imaginação e à inflação da significação.

Há a famosa utilização que Lacan faz da linguística para renovar, reler Freud e a substituição dos termos *deslocamento* e *condensação* por *metáfora* e *metonímia*, com um elemento fundamental que é a *sobredeterminação*. Todos esses princípios freudianos, relidos por Lacan, levam a pensar que a interpretação está organizada, em psicanálise, como um limite ao inchaço do imaginário, em que o sentido latente vem opor-se ao inchaço da imaginarização que é o sonho. O limite ao imaginário é o Lacan clássico do *Esquema L*, buscando neutralizar o eixo a-a', como condição absoluta de uma interpretação. A interpretação analítica se faz sobre o eixo S-A, sob a condição de que se neutralize o eixo imaginário. É uma maneira de esquematizar a perspectiva freudiana. É a interpretação como limite ao sentido. Lacan o disse de múltiplas maneiras. É a famosa fórmula segundo a qual: *a interpretação não está aberta a todos os ventos, não está aberta a todos os sentidos*. É, portanto, a interpretação fazendo limite à proliferação metaforizante do inconsciente; uma teoria e uma prática da interpretação como ponto de basta. Consequentemente, a interpretação torna-se o realce de alguns significantes-mestres para um sujeito, que são o ponto basta do sujeito. É, portanto, muito mais uma interpretação do lado da perda. Perde-se essencialmente o que Lacan esclarecerá mais tarde como sendo um gozo próprio ao inconsciente, ou seja, um gozo do ciframento-deciframento, do deslocamento, da condensação. Isto coloca a interpretação do lado da redução.

O contrário do querer dizer, articulação de letras

Vejamos esta passagem provinda da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”: “Isto não significa nada em “particular”, mas se articula numa cadeia de letras tão rigorosas que, sob a condição de não se errar nenhuma, o não-sabido ordena-se como o quadro do saber”³. O que eu gostaria de assinalar nesta pequena passagem?

Primeiramente: *Isto não significa nada em particular...* Vocês estarão de acordo comigo em dizer que a prática da interpretação é a prática do “isto quer

dizer aquilo”. Interpretar alguma coisa é sempre formular o que um enunciado quer dizer. “Você diz isto, mas isto quer dizer aquilo”. Ao passo que aqui, ao contrário, temos uma interpretação “que não quer dizer nada”! É novamente a anti-hermenêutica. Uma interpretação, isto não quer dizer nada e, sobretudo, isto não quer fazer dizer A, B. É um princípio simples, mas fundamental para um analista. Toda vez que escutamos um analisante se perguntando o que ele pode querer dizer, corre-se o risco de injetar seu próprio dizer, de projetar sua própria fantasia. Ou seja, de injetar o modo de gozo do analista na história. Disso decorrem todas as teorias da contratransferência.

É preciso partir do que diz o analisante, considerando que o que ele quer dizer, ele o diz. Não há outro querer dizer, senão o que é dito. É por isto que eu lembrava a origem anti-hermenêutica da psicanálise: é uma das chaves de trabalho do analista nunca ir para o lado do *querer dizer*. Está cifrado e, por que está cifrado, precisamente, isto apenas diz o que isto diz.

Em segundo lugar: *Isto não significa nada em particular, mas se articula*. É o princípio da articulação oposto, então, ao princípio da hermenêutica. Isso se articula em cadeias de significantes. Não é que não haja nada, há uma cadeia.

Lacan não diz que há significantes, ele diz *letras*. Por quê? A diferença entre uma letra e um significante é que um significante reenvia ao significado. A letra não reenvia a absolutamente nada. Em minha opinião, ele diz *letras* para se livrar da questão do sentido. Temos o limite ao imaginário e o limite ao sentido, daí o fato de utilizar o termo “letras” e não “significantes”, que poderia reintroduzir o que ele busca afastar. É uma dificuldade, pois o termo “letra”, contrariamente ao termo “significante”, não implica uma ligação entre o som e o sentido. No limite, uma letra não implica nenhum som e este ponto, na Proposição, não é ainda muito claro.

Terceiro: *Não se errar nenhuma*, dessas cadeias. Isto permite primeiro, supor que há várias cadeias. Não é então um sujeito – um significante. É um sujeito – uma cadeia de letras e até mesmo várias cadeias de letras. Ordenadas, evidentemente. O que é aí sub-repticiamente trazido por Lacan é este famoso texto dos *Escritos*, “O seminário sobre ‘A carta roubada’”, que dá as condições da organização da cadeia, daquilo que é possível e impossível. O que ele evoca em “Parênteses dos parênteses”⁴ é como um significante pode vir na sequência de

um outro ou, ao contrário, não pode vir. Com qual interesse? Que a interpretação possa ser uma disciplina de previsões. Finalmente, se estamos suficientemente atentos a este funcionamento lógico de articulações, devemos ser capazes de prever o significante que virá no lugar onde ele ainda não adveio. A interpretação consiste em poder fornecer o significante esquecido ou marcado por um branco, como diz Lacan em outro texto⁵.

Trata-se, então, de uma dimensão preditiva da interpretação. É muito otimista como teoria da interpretação! Se formos suficientemente precisos e atentos, se deixarmos de lado o querer dizer e a influência do sentido, seremos então capazes, ao escutar um sujeito, de construir sua cadeia formal, de maneira mais ou menos provável. E seremos capazes de fornecer um significante faltante num momento ou em outro. Seria isto a interpretação importante numa análise: o momento em que o analista é suscetível de saber o significante que vem naquele lugar – que ele o enuncie ou não.

Último ponto, *O não-sabido ordena-se como o quadro do saber*. É complicado porque é topológico. O quadro, método Hillel, é sempre o quadro da fantasia. Portanto, o saber é a fantasia. O saber inconsciente do sujeito é estritamente correlativo à sua fantasia. É nossa fantasia que dá os limites de nosso saber. O fato de ordenar o inconsciente numa cadeia de letras rigorosas pode fazer surgir um saber não-sabido. Não apenas o saber sabido da fantasia, mas o saber não-sabido do qual somos constituídos. É uma definição do inconsciente que não é inteiramente reabsorvida pela fantasia e que pode fazer pensar a questão da *lalíngua*, por exemplo, da qual somos também constituídos. Isto coloca em evidência a diferença feita por Freud entre o inconsciente e o Isso. Há dois tipos de inconsciente: o inconsciente recalçado inacessível e o inconsciente constituído pela fantasia, recalçado, mas acessível numa análise.

Seguindo esta via, encontramos o objeto causa. Se considerarmos que um sonho não diz nada de particular, que ele se articula em cadeias de letras e que, a partir daí, tem-se uma ideia da fantasia e do inconsciente real, – para retomar o termo de Jacques-Alain Miller –, o que surge é o objeto. Dito de outra forma, este trabalho de interpretação sobre os significantes, os quais colocamos em cadeia uns após os outros, tem por consequência fazê-lo [o objeto] aparecer, sem dúvida de uma forma um pouco bizarra, difícil de formular, ou, justamente, não formulada por um significante. Esta cadeia contorna um

objeto que organiza, precisamente, topologicamente, a relação do não-sabido com o saber da fantasia do inconsciente cifrado com o inconsciente real.

Lacan prossegue dizendo que o ser do desejo se junta ao ser do saber, ambos enodados numa banda de Moebius. “Nesta reviravolta em que o sujeito vê soçobrar a segurança que extraía da fantasia em que se constitui, para cada um, sua janela para o real, o que se percebe é que a apreensão do desejo não é outra senão a de um des-ser”⁶. Assim, no quadro do saber, que é habitualmente o nosso, o que vemos do real, graças à nossa fantasia, soçobra, não enquadra mais... A janela colapsa e o que surge no lugar do objeto que estava bem posicionado, graças ao quadro da fantasia, é um des-ser. “Assim, o ser do desejo une-se ao ser do saber para renascer, no que eles se atam, numa tira feita de borda única em que se inscreve uma única falta: aquela que sustenta o *ἀγαλμα*”⁷.

Lacan define a banda de Moebius como *ser do desejo – a –* que se junta ao *ser do saber*. Isto se ordena como quadro do saber, produzindo uma nova janela, que não é, na verdade, uma **[janela]**, já que no lugar da metáfora da janela e do quadro - que implica um exterior e um interior e que explode - há um trajeto contínuo da cadeia articulada em letras, fazendo com que passemos constantemente do interior para o exterior. Não há mais interior e exterior. Eis aqui o objetivo da interpretação para Lacan, neste momento.

Uma estrutura moebiana

Quando eu dizia que a interpretação faz limite, é um limite curioso. Da interpretação concebida como organizada pelo significante mestre – e, antes disso, pelo significante paterno, o ponto de basta, o significante Um, todos esses elementos marcando uma origem, um limite historicamente temporal –, passamos a uma outra concepção do limite inteiramente diferente: uma banda de Moebius. É um limite que é um circuito. É o circuito que faz limite.

No outro modelo, era muito mais uma origem que fazia limite. Freud havia tentado colocar este limite no trauma inicial. Lacan pôde tentar colocá-lo no Nome-do-Pai. Uma boa base, um bom fundamento para o edifício que depois se estende ao infinito. Dizer que o que faz limite é uma banda de Moebius, significa

dizer uma circulação infinita; é considerar de modo inteiramente diferente a escuta do discurso analisante. Não estamos mais, de maneira caricatural, esperando o momento em que o analisante vai trazer o treco que nos permitirá saber o verdadeiro sobre o verdadeiro: a cena de sedução infantil, o momento em que ele ouviu papai e mamãe transarem pela primeira vez, em que ele não entendeu do que se tratava e que, a partir daí, tudo se engrenou. Ou então, o momento em que ele viu a empregada agachada e isto lhe deu uma ideia sobre o que é o ato sexual, etc. Não procuramos mais um ponto de tropeço como este. Estamos sempre num circuito, o que supõe que a cadeia em questão é sem fim. O único ponto de parada é o que este circuito sem fim evidencia, de tanto girar em torno. Tudo o que é dito pelo analisante ao longo das sessões, todas as frases colocadas umas após as outras - cuja significação não tem em absoluto nenhum interesse -, essas frases, construídas como elas são, com os significantes que são utilizados, atualizam progressivamente uma espécie de furo, que é a primeira aproximação que podemos fazer do objeto de gozo do sujeito. De tanto dizer que esse troço me enfeza, que é irritante, que a vida é apenas uma merda, etc., de tanto dizê-lo assim, assim e assim, e de atribuí-lo a Pierre, Paul, Jacques e a mim mesmo e ao infinito..., alguma coisa como um objeto anal surge, um objeto que não tem outro ser senão este ser do circuito, se assim posso dizê-lo. E, de tempos em tempos, isto surge como causa do desejo, de tempos em tempos isto surge como saber insabido.

Há um momento no qual Lacan considera que a interpretação não faz limite. O que não foi o caso para os exemplos que lhes dei. Nenhuma fala, nenhuma palavra, não fará limite, porque falar, afinal, é interpretar. Toda fala é uma interpretação. Dito de outra forma: há um momento em que a interpretação perde seu estatuto excepcional. Não há uma fala interpretativa, de um lado, e uma fala associativa de outro. Toda fala – mesmo “passe o sal” – é uma interpretação na perspectiva analítica. Ela o é ou pode sê-lo, em função daquele que a diz e daquele que a escuta, evidentemente. Há, portanto, uma espécie de deslocalização da interpretação. Esta não pode mais fazer limite, já que ela mesma está projetada em toda fala.

É uma tese um pouco extremista, mas que implica uma falência do pai como limite e, portanto, uma falência do analista na posição paterna e uma falência do significante-mestre como limite. Dito de outra forma, isto implica não um gozo daquilo que se subtrai, ou um gozo definido como ligado ao

que se esquivava ao saber, à cadeia e ao limite, mas um gozo que não se subtrai, um gozo que se cria no processo mesmo de fala. Isto torna o gozo imanente à fala, ao passo que, antes, ele era transcendente a ela. Eu exagerei, mas ele estava localizado numa fantasia transcendente, num poder transcendente à própria fala. O gozo, não é o que a minha fala tenta dizer; é o que eu digo, no momento em que eu o digo; como eu o digo. É algo da ordem da psicopatologia da vida cotidiana. Por exemplo, se vocês se puserem a escutar as pessoas numa refeição - aliás, é infernal -, vocês escutarão não o que elas dizem, mas o que elas gozam de dizer. E, ademais, ocasionalmente, é com certeza de se queixarem. “Aquele ali me fez isto e aquilo, ele me disse isto e aquilo...”. No nível imaginário, há a ideia de que seria perfeito se não existisse tudo isso. Salvo que o gozo mesmo é dizer tudo isso. É o momento para dizê-lo.

O estatuto da interpretação muda, então, a partir do momento em que se considera que o gozo não está somente encapsulado nas experiências particulares, historicamente determinadas, - o que ele é também -, mas que ele está presente em nossa relação fundamental com a linguagem.

Tomo um exemplo. Contam-lhe um sonho. Você ouve: “Não é meu pai”. Você diz: “Ah, paramos aqui!”. Subentendido: “Mas sim, é teu pai!”. Em geral, isto não dá em muita coisa. Isto produz uma espécie de efeito de verdade, mas, como Lacan dirá em outro Seminário, uma verdade que se desencadeia, que vai proliferar mais e mais. Certamente não podemos fazer sem isto. Mas é diferente considerar que o horizonte de uma análise será modificado por uma interpretação, que necessariamente é um ato de fala que colocará um ponto de interrupção em um certo tipo de fala analisante, ou, ao contrário, considerar que o próprio processo interpretativo é o gozo supremo dos seres falantes.

O gozo interpretativo

A interpretação é a satisfação suprema dos sujeitos humanos. Esta é minha tese. Todas as conversas que manifestam um certo gozo, nas quais somos bastante tagarelas, são organizadas pelo gozo da interpretação. A interpretação como modo de gozo fundamental.

Haveria um verdadeiro sobre o verdadeiro, um Outro do Outro, uma interpretação da interpretação? Não. Como então colocar à prova certos efeitos de verdade que se produzem na análise? Eis aqui um exemplo. Não é tão frequente que isto aconteça com tal poder pedagógico. Uma senhora conta suas pequenas fantasias de harém, me fala então de sua fantasia masturbatória inconsciente. Trata-se de um harém do Oriente - do qual eu falei há pouco, a adequação perfeita do imaginário, do simbólico e do corpo. Eu lhe pergunto: “O que você gosta no corpo dos homens?”, “O que te agrada em um homem?”. Eu não sabia por que eu lhe perguntava isto. Agora eu sei: era para trazer o corpo como real, ali onde havia o imaginário. Ela me respondeu: “Oh, o que eu gosto, é a nuca (*les nuques*)¹ dos homens”. Aí está! Isso é uma interpretação. Ela se escutou e paramos a sessão. Evidentemente, eu não tinha nada a dizer. O que eu poderia ter acrescentado a isto? Nada. Efeito de verdade.

A interpretação, aqui, está sobre uma banda de Moebius. Não podemos mais distinguir o conteúdo manifesto do conteúdo latente, é o *continuum*. É manifesto que ela gosta das nuças. Aliás, ela é solteira, porque os eunucos não se precipitam! Trata-se, portanto, de um inconsciente moebiano. Isto produz um efeito de corte porque está fora do sentido. Ela estava falando de um contexto com eunucos num harém. No nível do imaginário, tudo isto rondava. Em sua cabeça, havia o sultão, não o eunuco. Mas, o que surge é, precisamente, esta figura recalcada que é exatamente o inverso. No fundo, são as duas faces do sultão. De um lado, o sultão todo poderoso e, de outro, há o eunuco que é sua condição. Vemos bem que é moebiano.

Em termos de interpretação, não é uma interpretação do analista. Eu jamais teria tido uma tal ideia - ainda que, quando se começa a falar de harém, a gente diz que os eunucos nunca estão longe -, mas eu não o esperava referido ao corpo dos homens, embora eu tenha lido Lewis Carroll e saiba que o “Cortem-lhe a cabeça!” é um modo de gozo fundamental da Rainha de Copas. Isso mostra que a fala interpretativa não é diferente da fala de gozo associativa. Quando Lacan diz que a melhor interpretação é um “Tu o disseste!”, isto indica que não há diferença entre a interpretação e a cadeia associativa. Talvez a interpretação faça efeito de verdade, mas ela não faz limite a nada.

¹ N.R.: vale ressaltar que *les nuques* (as nuças), em francês, faz homofonia com *l'eunuque*, o eunuco.

O que faz limite à interpretação

Disso decorre minha segunda parte: “Os limites da interpretação”.

É um pouco absurdo porque eu acabei de dizer que não há limite; que falar implica interpretar e que a interpretação - é minha tese - é a face de gozo da linguagem e da fala. Acrescentemos que se calar tampouco faz limite, pelo contrário.

Farei um percurso um tanto maratonista dos últimos *Seminários* de Lacan, sempre com a bússola milleriana, e desenvolverei um ou dois pontos.

Primeiro ponto. Na primeira lição de *um discurso que não fosse semblante*, vocês encontram a fórmula: “não querendo dizer nada”, onde Lacan define - eu lhes lembro - o que ele entende por “de um discurso, não o meu, que não fosse semblante”. Na segunda parte deste capítulo, tentando articular a questão do discurso com a questão da interpretação, ele diz o seguinte: “Se isto quer dizer, por exemplo, *semblante de discurso*, teremos, como vocês sabem, a chamada posição lógico-positivista. Trata-se de submeter um significado à prova de alguma coisa que se decida por um sim ou por um não”⁸. Trata-se, portanto, de fazer um corte, uma barreira entre o que permite dizer sim e o que permite dizer não, para uma interpretação justa ou para uma interpretação falsa.

“O que não se permite ser oferecido a essa prova, eis o que é definido como não querendo dizer nada. E, com isso, julgamo-nos livres de um certo número de perguntas qualificadas de metafísicas. Certamente não se trata de que eu me apegue a essas perguntas, mas faço questão de assinalar que a posição do positivismo lógico é insustentável, ao menos a partir da experiência analítica”⁹. A posição lógico-positivista é chegar a um limite, é escapar da questão da interpretação por meio de um limite que consiste em dizer é verdade ou não é verdade, a partir de um referente. Se a experiência analítica achasse implicada por receber seus títulos de nobreza do mito edipiano, é pelo fato de ela reservar o aspecto cortante da enunciação do oráculo e, eu diria mais, que a interpretação permanece sempre no mesmo nível que ele: ela somente é verdadeira pelo que a ela se segue, exatamente como o oráculo.

O desencadeamento da verdade contra o discurso

A interpretação não é posta à prova de uma verdade que se decidiria por um sim ou um não, ela desencadeia a verdade como tal. O que quer dizer “desencadear a verdade como tal?” É tentar dar corpo a esta verdade. Eu cito: “O momento em que a verdade se decide unicamente - de seu desencadeamento para aquele de uma lógica que tentará dar corpo a essa verdade - é, muito precisamente, o momento em que o discurso, como representante da representação, é dispensado, desqualificado”¹⁰. Então, o momento de desencadeamento da verdade que vem verificar uma interpretação, seja ela dita pelo analisante ou pelo analista, é o momento em que um discurso cai, é desqualificado.

A questão do discurso é a questão da estrutura. A estrutura na qual você está, o discurso que ordena o mundo no qual você vive, quebra a cara. Uma interpretação é verdadeira se ela dispara um desencadeamento que faz explodir o modelo do discurso no qual você está, quando você não se encontra mais no seu discurso sendo este um modo de gozo, quando tudo em seu modo de gozo está em polvorosa. Eis a prova de uma interpretação verdadeira. “[...] se pode sê-lo, é porque, em alguma parte, ele o é desde sempre. É a isso que chamamos recalque. Já não é uma representação que ele representa, é essa série de discurso que se caracteriza como efeito de verdade. O efeito de verdade não é semblante (então o eunuco não é semblante). Está aí o Édipo para nos ensinar, se vocês me permitem, que ele é sangue vivo. Só que, vejam, o sangue vivo não refuta o semblante, ele o colore, torna-se o *re-semblante*, propaga-o. Um pouquinho de serragem e o circo recomeça”¹¹.

Os efeitos de verdade do tipo: “Eu, o que eu gosto são as nuças dos homens”, mandaram pro espaço os devaneios da analisante sobre o Oriente, o eunuco, o sultão e toda a parafernália. Mas não por muito tempo, porque, afinal, com o que isso produziu como sentido, isto é, como perda, isso se assemelha ainda mais e, então, um pouco de linguagem por cima e: opa! O circo recomeça. O circo, ou seja, o discurso.

A interpretação oracular não é uma interpretação verdadeira ou falsa, mas uma interpretação do tipo “desencadear a verdade contra o discurso”. É o que Lacan acaba de dizer no *Seminário XVII*, onde ele avança que

os momentos de desencadeamento da verdade são momentos em que os discursos dominantes quebram a cara. É assim que ele interpreta o Édipo e desenvolve quase uma teoria da História. Há momentos na História em que tudo vai bem, o discurso funciona, ele gira. E depois, há momentos em que isso não gira mais. Dito de outra forma, seu saber sobre o modo de gozo não funciona mais. O partido, o proletariado, etc., funcionaram na União Soviética durante anos. Tudo isso funcionava às mil maravilhas. Tudo o que acontecia com as pessoas era explicado: o mal, o bem, tudo. Inclusive o catastrófico. E então, em um dado momento, isso quebra a cara. Dito de outra forma, “reabertura da questão da verdade”.

É preciso ter isso em mente, porque eu tinha muito mais espontaneamente a ideia de que quando a questão da verdade era formulada, tratava-se, ao contrário, dos momentos tranquilos em que refletimos. De modo algum! São os momentos em que o circo é sangrento. Neste momento verdadeiramente sangrento, por exemplo, não se tem mais teoria para explicar o que quer que seja. O discurso do mestre é um pouco enfraquecido e as pessoas metem bala. Os economistas dizem que isso vai passar assim, os cientistas políticos dizem que isso vai se passar assado, e assim por diante. Na verdade, ninguém mais sabe. *Grosso modo*, é isso. São momentos de abertura da questão da verdade, do desencadeamento da verdade que é o desencadeamento de uma questão, e não de uma resposta. A isto se sucedem momentos de fechamento em que se adota uma versão, um modo de gozo é dominante e, novamente: “Em marcha para que isso gire”!

Parece-me que a ideia de Lacan, nesse momento é que, numa análise, de tempos em tempos, um efeito de verdade irrompe no discurso do inconsciente que é o seu, ou seja, em seu modo de gozo organizador, e o devasta. É sangrento. Um pouco de serragem, ou seja, um pouco mais de associações e então isso recomeça. Não é que não haja interpretações oraculares, mas elas só têm valor por um tempo. Dito de outra forma, não se deve esperar que o final de uma análise seja dessa ordem. O final de uma análise não será a iluminação de um desencadeamento da verdade.

Gin de Halleux – É também muito euforizante, não é apenas sangrento

Sim, euforizante. É verdade. Isso dá prazer no nível do efeito de verdade, mas, mesmo assim, por trás, é com frequência sangrento. É metafórico, bem entendido. Isso devasta um certo número de modos de pensamentos. Aliás, isso devasta, sobretudo, o sintoma. Mas, mesmo assim, é com nosso sintoma que nos orientamos na existência. Temos vagamente a ideia de que poderia ser diferente, mas nem sempre temos vontade disso, até mesmo raramente.

Onde se encontra aí a interpretação? O oracular é uma enunciação e isso implica uma diferença entre o dito e o dizer. O efeito de interpretação é *a posteriori*, verifica-se depois deste momento do dizer, do qual resta apenas um dito. Mas o momento de interpretação acontece no momento em que ela diz isso e no qual, curiosamente, este dito faz, de alguma forma, curto-circuito; faz disjuntar (*disjoncter*). Como se neste dito, a energia – aqui eu tomo uma metáfora energética -, a corrente estivesse um tanto demasiado forte, alta tensão...*disjuntagem!* Mas as coisas se recolocam em seus lugares na sessão seguinte.

O que quer dizer então “um pouquinho de serragem e o circo recomeça?” Lacan explicita depois. Isto quer dizer que o discurso se recoloca em seu lugar. “Tudo que é discurso só pode dar-se como semblante, e nele não se edifica nada que não esteja na base do que é chamado de significante. Sob a luz em que hoje o produzo para vocês, o significante é idêntico ao status como tal do semblante”¹². Portanto, retorno do semblante.

A interpretação deve ser evocada como o que agita o semblante, isto é, o que agita o significante? Sim, sem dúvida. Sob qual condição? Isto não é enunciado por Lacan nesse momento. Uma vez que sabemos que o semblante, ou seja, o discurso, é feito de significantes, sob qual condição um significante pode ter esse poder de pôr em perigo ou curto-circuitar o funcionamento dos semblantes em geral? O que ele tem de particular? É uma particularidade ligada ao contexto ou uma particularidade ligada a outra coisa? É uma questão sobre a qual Lacan avança na sequência dos Seminários.

O analisante interpretante e o analista *representamen*

No Seminário *Ou pior*, eu me detive na sessão de 21 de junho de 1972, em que Lacan evoca a importância da sobredeterminação. Poder-se-ia dizer: “o significante que desencadeia o efeito de verdade se manifesta pelo fato de ser sobredeterminado”. Este seria seu traço. Poderia ser uma primeira resposta à questão sobre o valor oracular que um significante pode tomar num determinado momento. Ele teria esse valor oracular devido à sua sobredeterminação libidinal, isto é, à sua sobredeterminação em termos de gozo. Ele condensaria vários modos de gozo contraditórios.

Nessa lição apaixonante, Recanati faz uma apresentação sobre Peirce, extremamente complicado, em particular sobre a interpretação como estando no centro de sua teoria. O que é evocado por Recanati – e retomado, readaptado, reutilizado por Lacan para falar sobre o que se passa em análise – é uma mistura de lógica e de metafísica que eles chamam, os três, de o triângulo semiótico. O triângulo semiótico faz referência a três elementos quase estruturais em Peirce: R.I.O.

R para *representamen*. O que isto quer dizer? Peirce o define como um signo: “algo que, para alguém, equivale a outra coisa”. Pode ser qualquer coisa. No fundo, é o que eu evocava ao dizer que a linguagem está, fundamentalmente, o tempo todo interpretando. Por exemplo, cada uma das minhas palavras, para cada um de vocês, equivale a outra coisa do que aquilo que equivale para mim. O *representamen* está ligado à interpretação. Está ligado a um interpretante para quem também isso equivale a outra coisa.

Em seguida, há uma referência a um objeto. É uma passagem muito complicada desse Seminário. Eu não vou desenvolvê-la, eu teria muita dificuldade porque Lacan tenta fazer com que a teoria dos discursos entre naquele triângulo. Mas eu tiro proveito de várias coisas. Primeiro, Lacan enfatiza que existem vários pares: RIO, ROI, a relação entre I e R, *representamen* e interpretante, a representação entre o interpretante e o objeto, a representação entre o *representamen* e o objeto.

A ligação entre o *representamen* e o objeto, ele a qualifica de lógica pura. Eu acredito que podemos considerar que o objeto, neste caso, é, a um só tempo, o suporte do *representamen* e do interpretante. A esse respeito, Lacan tem algumas fórmulas formidáveis. Primeiramente, ele situa o analisante como interpretante e diz: “Não deveríamos dizer o analisante, deveríamos dizer o interpretante”. Eu me senti validada em dizer que aquele que fala, interpreta, já que aquele que associa livremente é aquele que interpreta, evidentemente. O interpretante é o analisante. Neste caso, onde situar o analista? Nessa lição, é aquele que extrai articulações daquilo que é dito. Isto não é sem relação com a pequena frase da proposição: *articular o que se articula em cadeias de letras tão rigorosas...* O dizer está do lado do interpretante. O dito está do lado do analista. É por isso que ele qualifica sempre o analista de leitor e não de escutador (*écouteur*). É um ponto importante.

De certa maneira, Lacan faz da ligação *representamen* e interpretante o equivalente do discurso. A partir do momento em que essa ligação se torna um discurso, é possível distinguir, de um lado, os bons sentimentos e, do outro, a jurisprudência. Um discurso é isto: bons sentimentos e jurisprudência. Ou seja, de um lado, afetos e, de outro, regras. Acho isto incrivelmente simples. Lacan diz que a psicanálise faz agora parte do discurso da cultura e que ela também se torna uma mistura de bons sentimentos e de jurisprudência. Ela, a psicanálise, participa do discurso do mestre atual. Ela produz devastações, em particular na pedagogia. É meu hobby. E ele acrescenta: para que a psicanálise não seja rebaixada aos bons sentimentos e à jurisprudência, ou seja, para que a interpretação continue viva, é preciso analisantes, porque são eles que serão os interpretantes. E é preciso, por outro lado, que o analista se encontre, ele, em posição de *representamen*, isto é, de alguma coisa que para alguém equivalha a outra coisa. Enquanto analistas, isto nos convém muito bem: em relação a nossos analisantes, somos alguma coisa que, para alguém, equivale a outra coisa, definição da transferência.

Para que a interpretação progrida, é preciso que o *representamen* seja o objeto *a* enquanto esquecido do dito, ou seja, enquanto ele encarna o dizer, esquecido no fato de dizer. No fundo, numa análise, o interpretante é o analisante, o analista é o *representamen* e ele deve encarnar o signo do gozo que se esquece no dito. O analista é, portanto, duplo, se assim posso dizê-lo. De um

lado, ele extrai as cadeias do dito – isto é o inconsciente articulado em termos de significante – e, do outro, ele encarna o objeto que se esquece no dito, ou seja, a satisfação, o gozo do dizer.

Como se encarna tecnicamente o gozo do dizer?

No final dessa lição fenomenal, Lacan confronta a interpretação de tipo edipiana, na qual o analista está muito mais do lado do pai, com uma outra em que, curiosamente, ele situa o analista muito mais do lado do irmão. Ele dá um desenvolvimento inesperado sobre a fraternidade entre o analista e o analisante. Não é “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, pois ele termina dizendo: “Atenção, não acreditem que... vou deixá-los ir embora apenas com boas notícias”. É muito engraçado: “Já que não devo lhes descrever o futuro apenas em cor de rosa; saibam que aquilo que sobe, ou seja, o bom sentimento que sobe, que ainda não vimos até suas últimas consequências, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo. Vocês ainda não terminaram de ouvir falar dele”. A patologia aferente ao nosso modo de discurso é então o racismo; ao passo que a patologia aferente ao Nome-do-Pai é muito mais o autoritarismo, a tirania. Face à tirania, o racismo. Dois modos completamente diferentes de patologia no nível dessa estrutura de gozo.

Duas coisas para concluir.

Do sentido sexual em tudo

Eu os remeto à lição inaugural, muito singular, do Seminário XXI, *Les Non dupent errent*, de 20 de novembro de 1973. Nela, Lacan fala de Nicole Sels – na época secretária da Escola Freudiana de Paris -, que o ajuda a procurar um texto de Freud o qual ele quer decididamente reler. Ele não sabia onde o texto estava nas *Obras Completas* de Freud. Ele retorna então à *Traumdeutung*, isto é, à *Interpretação dos sonhos*, e, em particular, a duas notas que não estão – ficamos sabendo - nas *Edições Completas* de Freud em alemão. Duas notas que estão ligadas à interpretação dos sonhos e que se encontram no último volume lançado de *Science des Rêves*, ou seja, completamente deslocadas historicamente. O primeiro tomo é cronológico, os *Primeiros Escritos*, mas, no último tomo publicado, que é cronologicamente o primeiro, (é como em *Guerra das Estrelas*), encontramos um artigo recente, isto é, dos anos 20: “Os

limites da interpretação”. Mas Lacan quer nos falar de um artigo sobre a interpretação oculta, a categoria do oculto.

Por quê? Este texto, “*Die okkulte Bedeutung des Traumes*” – “A Significação oculta dos sonhos”¹³ o inquietava. Com o que? Lacan procura em Freud um indício do que ele mesmo está em via de estabelecer: o ciframento feito para o gozo. Ele o havia dito anteriormente. Mas, aqui, ele é capaz de demonstrá-lo, de argumentá-lo porque ele o articula com “Não há relação sexual”. Como não há relação sexual, o ciframento é o modo de gozo humano. Dito de outra forma, é o que permite dar sentido sexual a tudo.

De maneira compacta, pode-se dizer que desde o Seminário XVII, depois da teoria dos discursos, até os anos 73-74, Lacan será levado à seguinte fórmula – não é ele que a apresenta assim, sou eu: “Não há relação sexual que possa se escrever para um sujeito humano”. Podemos demonstrá-lo.

Quer dizer que não há uma lei científica que permita articular o gozo sexual das pessoas que falam. Isso funciona para os gatos, funciona para os cachorros, para quem vocês quiserem. Mas, para os seres humanos, isso não funciona. Funciona muito bem para os espermatozoides e os óvulos. É precisamente graças a isso que existe a procriação *in vitro*. Podemos escrever a relação sexual entre o espermatozoide e o óvulo, mas não podemos escrevê-la entre um ser falante masculino e um ser falante feminino. Como não há relação sexual que possa se escrever, então há o discurso, ou seja, o laço social. Se houvesse relação sexual, não haveria laço social. Isto me parece evidente. O laço social, o discurso, vem no lugar daquilo que não há: uma relação sexual que possa se escrever. Num ser falante, o gozo consiste em produzir, por ciframento e deciframento, sentido sexual o tempo todo. E o discurso é o tempo todo sentido sexual. Não necessariamente genital, mas sexual. Isto se refere o tempo todo ao mais-de-gozar. Como obter o mais-de-gozar? Como girar em torno do mais-de-gozar? Somos claramente obcecados sexuais porque não há relação sexual. Os animais não são obcecados sexuais. Há períodos que sim e há períodos que não. É isso. No humano, desde o momento em que ele fala até o momento em que ele morre, isso não cessa; ele só pensa nisso o tempo todo. Ele só vive no laço social sempre sexuado. No fundo, essa interpretação que era a fala, é um modo fundamental de produção de sentido sexual. Portanto, a interpretação é incalculável em seus efeitos, já que ela sempre provoca um “sempre mais sentido sexual”.

O que Lacan acrescenta no Seminário XXIII é que o único sentido da interpretação é o gozo do corpo vivo. Tanto no Seminário XXI, *Les Non dupent errent*, quanto no Seminário *Ou pior* – sobre o qual eu falei para vocês – ele desenvolve, a um só tempo, essas teorias da interpretação e o fato de que o suporte da linguagem é o corpo.

Ele acrescenta que não é necessariamente um corpo, mas que são corpos em relação aos quais não sabemos muito bem qual goza, qual não goza, quem goza com quem, etc. Não se pode pensar que é nosso corpo. É (*du*) corpo. O sentido sexual produzido pelo laço social - no fundamento do laço social - se prende ou define o gozo do corpo vivo para um sujeito falante, determina quais são os modos de gozo do corpo vivo para um sujeito falante, sabendo-se que um dos modos de gozo do corpo vivo para um sujeito falante é, evidentemente, conceber sua morte.

A interpretação forçamento (forçage)

Eu não terei tempo para desenvolver aquilo que, no Seminário XXIV, responde muito bem à orientação dada por Jacques-Alain Miller sobre o inconsciente real. É o que ele diz em 19 de abril de 1977: “Se você é psicanalista, você verá que estes forçamentos por meio dos quais um psicanalista pode fazer soar outra coisa, outra coisa que não o sentido sexual...”. Esses forçamentos constituem a interpretação forçada. Não é a interpretação limite, é a interpretação forçamento. Trata-se de fazer soar outra coisa. *Eunuco* é um bom exemplo, é outra coisa que soa. E ele acrescenta: “Há somente a poesia que permite então a interpretação”.

Dizer que a interpretação é um forçamento é uma tentativa, em uma única palavra, de ferrar (*ferrer*) *lalíngua*. “Eu o escrevo em uma só palavra por causa disto, para que isso faça real”, diz Lacan. Para que um significante tenha efeito de verdade - efeito de forçamento -, é preciso que ele pertença à *lalíngua* do sujeito, que ele faça real, que ele pertença à materialidade significante sonora. Neste sentido, que ele seja retirado do corpo vivo como um dizer, um movimento de dizer, mas que, ao mesmo tempo, ele faça real, pois ele participa de uma época em que o sentido não era ainda todo azimutes, se assim posso dizer; em que o sentido sexual não era ainda completamente do-

minante, no qual havia uma parte da linguagem que continuava aprisionada no real fora do sentido. Uma análise é um lugar onde se trata – o que, aliás, é bem ambicioso – de fazer soar este real de *lalíngua* à maneira da poesia, diz Lacan.

Do trágico ao cômico

É esta a solução lacaniana. Pessoalmente, no ponto em que estou de meu percurso de analisante e de analista, onde eu colocaria a interpretação? Efetivamente, muito mais do lado do chiste, considerando que se trata de separar o sentido do signo. E, se a interpretação é o gozo do signo, ligado ao signo de que a relação sexual não é, então, efetivamente, uma análise deve separar o sentido do signo e ir em direção ao sentido dos signos que não tenham sentido. É a única condição para sair da tragédia. A tragédia e o drama são o lugar, por excelência, onde o sentido está ligado ao signo. Aliás, existe uma expressão que retorna duas ou três vezes nos *Escritos*, a saber: “o sentido mortal do desejo”. É a tragédia.

Isto sempre me tocou. É um período no qual Lacan é retórico e que, por conseguinte, o sentido sexual é o sentido mortal do desejo. As histórias de amor sempre acabam mal, como diz a canção desta banda maravilhosa, *Les Rita Mitsouko*. Mesmo quando a história de amor acaba bem, como um dos dois vai morrer antes do outro, ou, se eles morrem juntos, de todos os modos isso acaba morrendo. Isto implica que existe uma correlação entre o sentido e o signo, tal como eu acabo de evocar com essa sequência do Seminário dedicado a Peirce.

Minha ideia é que se separarmos o sentido do signo, cairemos muito mais no cômico. Não no escarnio, não no cinismo nem tampouco no absurdo. Há todo um teatro do absurdo, nulo do ponto de vista psicanalítico e, em minha opinião, também não é bom do ponto de vista teatral.

Eu acredito muito mais numa solução cômica. No estilo do cômico de Tchekhov. Como vocês sabem, Tchekhov considera que ele somente escreveu comédias. *O Jardim das Cerejeiras*, comédia; *As três irmãs*, comédia; *Tio Vânia*, comédia. Tudo isso são comédias. Thomas Bernhardt só escreveu comédias. Vocês leem as peças de Thomas Bernhardt, em que sempre está realçado

Comédia. Não é escárnio. Não há ninguém mais amoroso e mais indulgente, nem mais lúcido quanto à humanidade do que Tchekhov. Neste caso, ele busca separar o sentido pulsional do signo. É verdadeiramente engraçado. Não é escárnio. É algo que dá o devido lugar para aquilo que fracassa. Aquilo que fracassa sendo entendido como manifestação da contingência e do aleatório que são, em minha opinião, os únicos acessos que podemos ter ao real por meio da linguagem, quando se é um ser humano.

Podemos ter acesso ao real por meio da ciência e pelas pequenas letras. Mas, se é pela linguagem cotidiana, o único acesso que temos a ele - uma vez que não estamos mais na infância com *lalíngua*, uma vez que estamos imersos num discurso e efeito de discurso -, a única maneira que temos de se separar dele é dar ao que fracassa o seu lugar. É uma parte um pouco jubilatória. Mas é extremamente engraçado ver como os negócios humanos fracassam, inclusive quando são bem sucedidos. Tenho então a impressão de que é isto que pode fazer a interpretação final. Ouçam “cômico” como cada um de vocês quiserem. Mas não é mais “sentido fatal”! Não estamos mais no *fatum*. Estamos na contingência e no aleatório e achamos isto muito mais simpático ou muito mais antipático.

Isso me fazia pensar, por exemplo, nas boas maneiras de morrer, porque a morte não é algo cômico. Há, entretanto maneiras de separar a morte do sentido trágico. Por exemplo, esta frase dita por não sei muito bem qual personagem histórico francês maravilhoso, do século XVII – eu lamento ter esquecido seu nome, pois conseguir dizer em seu último suspiro às pessoas ao seu redor: “Senhores médicos, em resumo, segundo o que vocês me dizem, eu morro curado!”, é uma posição ética. É uma pirueta do discurso divertido que separa o sentido do signo. É um bonito curto-circuito do sentido e do signo.

Há muitos outros exemplos. Este concerne ao cômico moderno, não ao cômico tal qual ele é definido como o primado do falo nos Antigos. Ainda que nestes, justamente, se mostrava o falo sob todos os seus fracassos. Em todas as peças de Aristófanes, trata-se de mostrar o ridículo (*dérisoire*) do falo e, portanto, de mostrar a essência mesma do fracasso pela linguagem. É assim que isso funciona: fracassando.

A interpretação está muito mais orientada por esta separação do sentido e do signo. Muito mais o signo do que o sentido. Sabendo que o signo tem

uma conexão com o objeto, o que se trata de fazer, finalmente, é parar de interpretá-lo.

Discussão

O animador – O final de sua conferência me fez pensar no passe, especialmente à propósito da relação com o Witz, por exemplo.

M.-H.B. – Definitivamente, a teoria analítica é tão pouco séria! No sentido em que é impossível estabelecer um procedimento dela. Claro, é séria no sentido da série, mas não o é no sentido da escrita. A transmissão de resultados da psicanálise é muito complexa. Claro, há os *Escritos* e os *Outros escritos*, mas o essencial do qual nos alimentamos são nossos seminários, nossos encontros. Quantas vezes é preciso dizer coisas, fazer contorções complicadas para conseguir cernir um pontinho! Eu me aventurei, aqui, com os limites daquilo que não sei.

O saber científico não é elaborado dessa maneira. Sabe-se o que se sabe, sabe-se o que não se sabe, e então se formula hipóteses. Em psicanálise, não apenas não se sabe o que se sabe, mas, além disso, na maior parte do tempo, não se sabe o que não se sabe. O passe o demonstra claramente. Trata-se de se defrontar com os enunciados de Lacan, ainda impregnados de sua enunciação. O trabalho de Minerva permitindo, justamente, ter acesso a essa enunciação, apesar da escrita, ou, aliás, graças à escrita, eu não sei.

Geert Hoornaert – Lacan demonstra que não se é autor de seu objeto. Quando se lê alguns artigos psicanalíticos do lado da IPA, de aparência mais científica, acredita-se saber o que eles querem dizer quando dizem identificação ou projeção e, no entanto, perde-se o que é o objeto mesmo da psicanálise.

M.-H.B. – É verdade, você tem razão. Contudo, Lacan fez muito para podar tudo isso. Dizer que a interpretação não se funda no imaginário quer dizer que minha interpretação, seja eu analisante ou analista, não terá nenhuma relação com o sentido. Consequentemente, isso retira uma carrada de coisas a serem consideradas. Mas é bastante difícil de abstrair o sentido.

Anne Lysy – Sobre isso, inclusive, ele terminou seu Seminário L'une bévue, o último, dizendo: “No fundo, eu procuro um significante que não teria, como o real, nenhuma espécie de sentido”, mesmo se, ao sentido, retornamos sempre.

M.-H. Brousse – Sim, é por isso que eu queria muito transmitir, hoje, que a linguagem é uma máquina para interpretar. Somos máquinas para interpretar. Nós interpretamos tudo o tempo todo.

Anne Lysy – No fundo, a dificuldade é que se interpreta com seu gozo e que, na análise, o que pode ser isolado, são as coordenadas dessa máquina de interpretar. A análise implica em trazer o sujeito aos significantes elementares sobre os quais ele delirou, ou seja, sobre os elementos da lalíngua.

M.-H.B. – Ele delirou, isto é, ele interpretou; ele produziu sentido o tempo todo. Quando dizemos isso, já é fundamental, mas é também preciso assinalar que seu delírio é um modo de gozo.

A.L. – O que, na análise, permite desarmar os significantes que marcaram, as falas que feriram um sujeito? O que você diz sobre separar o signo do sentido me parece um esboço de resposta para essa pergunta. Como diz Lacan em sua Conferência em Genebra, a linguagem atinge o corpo, são marcas de gozo e, ao mesmo tempo, há um desarmamento dos significantes do sofrimento. Rose-Paul Vinciguerra utilizava uma bela fórmula: “o polo nocivo corroído”. O gozo não é o prazer.

M.-H.B. – Mas o prazer é a última roda da carroça, não conduz ninguém. É o sentido que conduz. O prazer somente conduz as coisas sob a condição de fazer disto um índice de sentido, ou seja, um epicurismo. Se consideramos, com certos filósofos antigos, que o sentido da existência é a busca pelo prazer, então o prazer se torna fundamental. O que é fundamental é o sentido sexual. A questão é tentar dissociar o signo de seu sentido, do sentido que ele adquirira em certo tipo de experiência com o desejo do Outro, na relação com o desejo do Outro.

A.L. – Poderia ser a nomeação, porque, no fundo, a nomeação implica punccionar (poinçonner) o simbólico e o real. É a grande questão de Lacan no final de seu ensino. Como a prática analítica, trabalhando com o sentido, pode tocar o real? Ali onde, no início de seu ensino, os efeitos do significante sobre o significante e sobre aquilo que não pertence ao significante eram tão evidentes em “Instância da letra”, no final ele introduz um questionamento radical quanto ao poder de tocar o real a partir do significante, do simbólico, do sentido.

M.-H.B. – A partir da interpretação.

A.L. – A interpretação, o que ela se torna? No fundo, ela é um semblante. Você estaria de acordo com isso?

M.-H.B. – Sim, ela é um fenômeno de discurso.

A.L. - ...que tem uma incidência. Lacan, ao formular a questão, teve ainda assim a ideia dessa incidência e de como isso opera. Em “O Aturdido”, é com a lógica; em *L’Une bévue* é a partir da poesia chinesa que, de certa forma, joga com o escrito. No fundo, é o semblante que tem uma incidência. Não é qualquer fala que tem essa incidência, para retomar sua questão: “O que a fala interpretativa tem de particular, seja ela do analisante ou do analista?”

M.-H.B. – Primeiro, eu acho que ela é sobredeterminada no sentido sexual.

A.L. – E, às vezes, é uma nomeação.

M.-H.B. – É uma experiência de corpo. Primeiro, ela articula uma experiência de corpo com um sentido.

A.L. – Eis aqui um exemplo. No final do tratamento, alguém sonha que vai encontrar seu vizinho e mergulha no mar, dizendo: “Vou tirá-lo [dali]. Tirando a coisa ele diz: É uma tartaruga (...). A tartaruga, sou eu, com minha carapaça, com minha lentidão”. Era um momento muito importante nesse tratamento. Talvez não um dos significantes elementares, mas um momento de nomeação.

M.-H.B. – No argumento que eu tinha dado, refletindo sobre isto a posteriori, o lado da nomeação me entristecia. De um lado, eu acredito que não se pode considerar a coisa sem nomear. Em uma análise, as coisas devem ser nomeadas e, depois, não será mais igual. De certa maneira, algo se reduz. Mas, por outro lado, é chato que isso faça, de alguma forma, letras escarlates, porque, naquele momento, ao invés de permitir uma nova circulação para o sujeito, isso tenderia a detê-lo ali.

É justamente nisso que uma nomeação não tem efeito de identificação, mas de separação. Nos testemunhos de passe, temos alguns exemplos desse tipo de interpretação, seja do lado do analista ou do analisante. Para Laure Naveau, lembramo-nos de uma contadora. Poderíamos pensar que é uma identificação, ou seja, um “Você é isto”. Mas isso não teve esse efeito. Isso teve como efeito a separação do objeto voz que estava em jogo na questão.

É misterioso, mas é muito importante apontar como esta fala “Você é uma contadora”, retomando o significante do sujeito, não tem o efeito de identificar, mas toca alguma coisa por ser pronunciada por alguém que se desprende do gozo, que desprende de ser o Outro a quem esse suposto conto daria prazer. Finalmente, se ela fosse uma contadora, seria em relação a um Outro ao qual ela pensava responder ao desejo de contar em todos os sentidos do termo: contar para ele, com o equívoco que vocês quiserem. Eu acredito que a nomeação deva incluir o equívoco, senão ela prega o sujeito no pelourinho. Se você é uma contadora, pode ser, minha cara, para contar belas histórias ou então para contar suas moedas, e você conta todo o resto. É o que eu chamo de sobredeterminação dos modos de gozo, quer dizer que precisam vários para que isso possa ter um tal efeito. E o analista se apresenta como aquele que diz: “Eu te digo que este significante é inútil. Não é necessário que você me conte sobre ele para me fazer gozar”. Afinal, um analista é isto: é um Outro que será, num momento ou em outro, dissociado do Outro do gozo ao qual o sujeito está articulado. A fantasia não se move. A fantasia implica sempre um Outro ao qual o sujeito dá prazer, um Outro que o sujeito preenche. Isso é preciso para que o discurso se mantenha. Para que o discurso de gozo se mantenha, é preciso um Outro a quem ele é dedicado. Se não há mais Outro ao qual ele é dedicado, as coisas se apresentam de outra forma. Para que essa nomeação possa ter esse efeito de separação, é preciso que aquele que a pronuncie encarne o Outro de um gozo que não há. É como se ele dissesse: “Você é uma contadora e eu não gozo do fato de que você seja uma contadora”. No fundo, uma contadora é Sheherazade. Para que haja Sheherazade, é preciso o Sultão que lhe ameaça cortar a cabeça todo fim de noite. Se não há mais Sultão, ela vai, talvez, contar histórias sem fim, mas, de todo modo, não serão mais as mesmas. É a mesma coisa que dizer que ele está em posição de objeto *a*?

Tradução: Camila Popadiuk

Revisão: Vera Avellar Ribeiro

*Marie-Hélène Brousse é psicanalista, membro da Escola da Causa freudiana, da New Lacanian School e da Associação Mundial de Psicanálise.
Esse texto, estabelecido por Pascale Simonet, é a transcrição da gravação de uma conferên-

cia dada em Gand, em 26 de abril de 2009, organizada pela *Kring voor psychoanalyse van de NLS*, sob o título *A interpretação lacaniana*. Publicado com suas amáveis autorizações. Não relido pelo autor nem pelos que entrevistaram.

- ¹ Assoun, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- ² Freud, S. (1967 [1900]). A interpretação dos sonhos, parte 1, em *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. IV, Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- ³ Lacan, J. (1967 [2003]). “Proposição do 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 260.
- ⁴ Lacan, J. (1955 [1998]). “O seminário sobre a carta roubada”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.59-66.
- ⁵ Lacan, J. (1953[1998]). “Função e campo da fala e da linguagem”. In : *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 260.
- ⁶ Lacan, J. (1967[2003]). “Proposição do 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola”. *Ibid.*, p. 259.
- ⁷ *Ibid.*
- ⁸ Lacan, J. (1971 [2009]) *O Seminário, Livro XVIII, De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 13.
- ⁹ *Ibid.*
- ¹⁰ *Ibid.*, p. 14.
- ¹¹ *Ibid.*
- ¹² *Ibid.*, p. 15.
- ¹³ Freud, S. “Quelques suppléments à l’interprétation des rêves”. In: *Oeuvres complètes*, XVII, Paris: PUF., p. 185-188.

Da Clínica

Seu corpo não é seu ser

Luciana Ernanny Legey*

Lacan, em seu texto Posição do Inconsciente¹ nos ensina sobre o discurso analítico; seja psicanalista ou psicanalisante, a entrada da caverna não é aberta. Em Lacan não se escapa, há sempre um paradoxo. Chegar é começar. E há que se pagar um preço por isso. O turista volta para casa.

Mas afinal, quem é que chega? Para Lacan o sujeito da queixa não é um sujeito e sim um objeto de sua queixa. É na aposta de que o dispositivo da análise possa ser um instrumento possível para a localização da verdadeira causa que afeta o indivíduo, e o sujeito do inconsciente² possa emergir, que a interpretação pode ocorrer. Enfim, o psicanalista e o sujeito podem psicanalisar. A sorte está lançada, como no exemplo que Lacan nos dá sobre a travessia do Rubicão.

Hoje, na clínica que vai mais em direção ao real do gozo, é desafio dos analistas, mediante sua presença e seu dizer, continuar o que Lacan nunca deixou de pontuar sobre não tirar a responsabilização do sujeito. Alias, é disso que se trata quando diferenciamos a psicanálise de outras práticas como a psicoterapia, a psiquiatria, a medicina, entre outras. Aposta-se que o sujeito, tecendo sua trama já marcada pelo discurso da família e dos outros, entre um acaso e outro, possa fazer seu destino³.

Para H., 21 anos, que havia declarado à praticante seu destino: seria “uma judia velha e virgem que moraria com seus gatos”, o Tinder foi a porta

de entrada para o encontro com o outro sexo e algo mais. “*Se eu te contar como conheci esse boy você vai ficar horrorizada.*”

Já na primeira sessão chora dizendo ser “azarada” por ter imunodeficiência primária, necessitando de terapia de reposição de imunoglobulina mensalmente. Vem de uma família com histórico de doenças autoimunes. Chorando mais ainda, chega a determinada sessão afirmando ter Aids. Esteve com o boy do Tinder apenas duas vezes, tendo perdido a virgindade na primeira, sem proteção. Volta na sessão seguinte com vários exames na mão, inclusive o de Aids, com resultado negativo. Importante para ela que eu veja seus papéis. Afirma não acreditar no resultado, pois o vírus poderia ficar encubado por semanas. “*Eu pesquisei!*”. Digo a ela que sei o quanto é aplicada nos estudos e pesquisas, mas que deveríamos aguardar então as tais semanas. Precisa ver para crer e fazer a analista parceira em sua posição de “azarada”. Mostrava e explicava detalhadamente os exames que trazia. Mas não repete o exame de Aids. Nada mais fala sobre isso.

Apesar de minhas intervenções, as sessões giravam em torno das doenças. Da Aids foi para amidalite, faringite, meningite e até clamídia, que provavelmente pegou do outro boy que conheceu no Tinder. Mas esse boy, aos poucos, engenheiro, mesmo sem ser judeu, para seu espanto, se transformou em seu “boy magia”⁴, namorado. Desconfiada, demorou a assumir o namoro, até mesmo nas sessões.

Phillipe Lacadée⁵ nos ensina que a questão do adolescente é saber qual o preço a ser pago por ele durante essa passagem onde seu corpo, movido pela pulsão, é posto em risco sem saber ao certo que corpo é esse. O que a psicanálise nos ensina é que esse corpo é marcado justamente pelo encontro com o desejo sexual; quando a vida sexual infantil é remanejada para uma vida na qual faz-se necessária a escolha de um objeto de amor.

E o encontro com o outro sexo veio em boa hora. A sexualidade, um tanto quanto misturada com a doença, e não havia como deixar isso de lado, dava espaço para outras questões como, por exemplo, sua relação com o corpo, com o namorado e com a mãe, a quem se identificava também pelas doenças autoimunes que faziam parte de sua história familiar. Tinha certeza de que sua mãe, sendo solteira, optou por ter um filho para que este cuidasse dela “para sempre”. Esse papel de cuidadora também fazia parte do destino que havia

traçado para si. Mas afinal o que o Outro queria dela que não fosse a doença? E seria ela capaz de dar algo além?

Foi necessário manejar a transferência negativa em determinada época do tratamento, quando interpretou que a praticante não era parceira de seu corpo doente: “*não vou te falar a razão da minha tristeza de hoje, porque sei que você vai achar que me escondo na doença*”, ao que respondo que nada sei sobre isso e que quem sabe é ela. Peço que me explique. Aos poucos mostrava outros papéis, como por exemplo o relatório da faculdade que a afligia ou o livro que pesquisava para as aulas. Nas férias mandava algumas mensagens por *WhatsApp* pedindo socorro. Deixei que escrevesse e respondia de forma a confirmar que estava ali. Para ela, uma jovem, adolescente como se diz hoje, foi necessário o uso da tecnologia para a transferência se instalar.

Era um caso onde o uso da doença no corpo se fazia presente, mas que ela mesma, não sem a presença do analista, através da sexualidade e do saber, encontrava uma via para injetar sentido fálico em sua posição de “azarada” e talvez se separar da posição de dejetivo em que se encontrava até ali. H. não era mais virgem e tinha um namorado. Vinha às sessões com regularidade. Escrevia à analista.

E algo surge: o namorado quer casar, imigrar para o Canadá, ter filhos. Como nos relembra Clotilde Leguil⁶ em seu livro “O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan”, “Ser homem ou mulher é ser este homem, esta mulher, pautado na maneira como a virilidade e a feminilidade se apresentam em uma existência. Essas colorações do ser surgiram de encontros íntimos com outros homens e outras mulheres, e dão forma à história de um sujeito”. Confrontada com a possibilidade de “mudar seu destino”, a fantasia vacila.

O corpo do qual padecia H. ilustrava sua dificuldade em ter um corpo. Naquele momento questionava se haveria algo a fazer de diferente com esse corpo, doente, movido pela pulsão de morte escancarada em sua fala, seus papéis, seus sonhos. Ela abre a porta a si, no que se serve do corpo para falar. Jacques-Alain Miller, em seu texto “Habeas Corpus”, nos fala sobre o corpo falante: “é essencial apreender um primeiro ponto: o homem, diferentemente do sujeito, tem um corpo. Em segundo lugar, esse corpo é falante... Em terceiro lugar, não é o corpo que fala. Não é o corpo que fala por iniciativa própria, é sempre o homem que fala *com* seu corpo”⁷.

Para H., até ali, seu corpo era seu ser. Apostando que outra coisa poderia ser feita dele, mesmo com todas as questões de saúde que deverá sempre se ocupar, há uma oferta para desfazer, por meio das palavras, o que foi tecido pelas palavras para um destino até então dito e certo⁸.

*Associada do CLIN-a.

¹ Lacan, J. (1998[1966]) “Posição do Inconsciente”. “In” *Escritos*: Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 852. “*O lugar em questão é a entrada na caverna a respeito da qual sabemos que Platão nos guia para a saída, ao passo que imaginamos nela ver entrar o psicanalista. Mas as coisas são menos simples, porque essa é uma entrada a que nunca se chega senão no momento em que ela é fechada (esse lugar jamais será turístico) e porque o único meio de ela se entre abrir é chamar do lado de dentro*”.

² Fazendo a importante distinção para nós, praticantes da psicanálise de orientação lacaniana, entre indivíduo e sujeito.

³ Lacan, J. (2005[1975-76]) *O Seminário, Livro 23. O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 158.

⁴ Rapaz gay ou hétero, lindo, charmoso, gostoso e cobiçado por todos; Rapaz encantador.

⁵ Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio. Ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2011.

⁶ Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EPB Editora, p. 18.

⁷ Miller, J.-A. (2014/2015). “Habeas Corpus”. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* nº 73, p. 33.

⁸ Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero: homem/mulher depois de Lacan*. Belo Horizonte: EPB Editora, p. 90.

Sobre o conceito de interpretação e algumas funções

Marcella Pereira de Oliveira*

O nascimento da psicanálise com a *Interpretação dos sonhos* marca uma técnica interpretativa baseada na escuta; o que a diferencia dos demais tratamentos de saúde mental até então existentes que eram baseados preferencialmente no olhar. A psicanálise nasce com a interpretação imbricada em sua técnica, uma vez que seu objetivo é a busca de um sentido oculto na fala do analisante, e o conceito de interpretação aparece como um recurso para a emergência deste sentido. Foi com Anna O. que Freud instaura então a *talking cure*, privilegiando a voz em detrimento do olhar.

Neste artigo me oriento basicamente por três textos: *A interpretação dos sonhos* e *O inconsciente* de Freud; *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de Lacan. Falarei sobre os fundamentos da interpretação como parte fundamental do nascimento e sustentação da técnica analítica, bem como discorrerei sobre algumas das funções da interpretação na análise.

Lacan (1953/1998)¹ afirma:

A experiência psicanalítica descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem. Ela maneja a função poética da linguagem para dar ao desejo dele sua mediação simbólica. Que ela os faça compreender, enfim, que é no dom da fala que reside toda a realidade de seus efeitos; pois foi através desse dom que toda a realidade chegou ao homem, e é por seu ato

contínuo que ele a mantém (p. 323).

Neste texto clássico sobre a ênfase na importância da linguagem, o autor resgata termos como a função poética da fala, e cria conceitos como o de simbólico, mostrando toda a abrangência que implica ao ser humano ser um ser de linguagem. Não só porque toda forma de se representar no mundo das coisas passa pela linguagem, como também ela é o único meio de acesso ao que há de mais importante no mundo humano, o desejo. Não há desejo que não passe pela linguagem, uma vez que ele vai de encontro à castração; ao contrário do universo narcísico dominado pelas imagens.

A linguagem é corpo, corpo que constitui o sujeito humano. Mas corpo sutil, o qual pode ser moldado, modificado em sua forma e aparência através da interpretação.

O termo interpretação que Freud² (1900/2006) utiliza no alemão *Deutung* quer dizer extrair o sentido do termo a ser interpretado; o que é diferente da interpretação como uma tradução, que no alemão seria a *interpretieren* (Hans, 1996³).

Uma vez que o sentido da fala do analisante é construído em análise, a interpretação por sua vez é um ato que só pode ser posto em transferência. A começar pela hipótese diagnóstica feita pelo analista: em uma neurose a interpretação não se dará da mesma forma que em uma psicose; até mesmo dentro de uma mesma estrutura há diferenças que repercutem no manejo interpretativo: uma mesma interpretação não atingirá da mesma forma a histeria e a obsessão.

Além disso, a interpretação está atrelada a outras duas regras fundamentais da psicanálise: a associação livre do analisante e a atenção flutuante por parte do analista. Estas regras não acontecem por si só, nem por um mandamento por parte do analista; há alguns indícios de que adentramos estas condições – que são fundamentais para o trabalho com o inconsciente – quando a fala do analisante deixa de ser um discurso verborrágico racional, com começo, meio e fim; quando a ordenação do discurso perde vez para a fala mais entrecortada e com mais implicação do sujeito no que ele diz sobre ele próprio.

Com a *Interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2006) comprova a existência do inconsciente e desta divisão do aparelho psíquico em consciente e

inconsciência por meio da revelação da esfera inconsciente nos sonhos. Aqui ele está baseado na procura de um sentido encoberto em cada relato de um sonho, ou seja, o relato não se basta em si mesmo, há um sentido encoberto por trás dele. Com a técnica analítica ele recomenda que sejam interpretados os elementos que aparecem no relato, e não o enredo do relato em si, e que por trás de cada elemento do discurso há um sentido subentendido, o qual é desvendado junto ao analisante. Por exemplo, no sonho de injeção de Irma, do próprio Freud, a boca acinzentada de Irma tinha como um dos sentidos encobertos o fato de Freud se sentir responsável pelas dores dela, que era sua paciente.

Com pedidos de associação o analista implica seu analisante para que desvende o que está por trás de sua fala, escavando o buraco negro. Os processos de condensação e deslocamento descritos por Freud (1900/2006) são desvendados com associações feitas sob transferência. A interpretação do analista é uma arte de desvendar os nós da fala; é arte já que envolve uma criação para expressar algo de uma ordem não palpável.

Freud (1915/2006)⁴ aprofunda melhor o conceito de inconsciente, descrevendo o aparelho psíquico como contendo elementos não só conscientes e inconscientes, mas pré-conscientes, ou seja, elementos que estão prestes a se tornar conscientes, com o auxílio da interpretação. A lógica é que uma ideia pode pertencer a um destes três sistemas – consciente, pré-consciente e inconsciente – dependendo do grau de censura implicado: quanto maior a censura, menor a possibilidade da ideia ser consciente. Ou uma ideia pode existir em mais de um lugar do aparelho psíquico: ela pode não estar inibida pela censura, bem como a censura pode variar de atuação.

O núcleo do inconsciente consiste em representantes pulsionais atemporais carregados de desejo, que procuram descarregar sua energia. Contudo, não é de qualquer forma que esta energia pode ser descarregada. Quando uma ideia passa do sistema inconsciente diretamente à consciência, sem passar pelo pré-consciente, ela terá a natureza de ansiedade. A interpretação atua, portanto, da esfera pré-consciente para a consciência; enquanto a repressão atua da esfera pré-consciente para o inconsciente. E vale ressaltar que quando uma ideia é reprimida ocorre uma ruptura entre ela e o afeto que lhe pertence. A repressão não atinge o afeto, ele apenas se desloca de objeto. Este é o motivo pelo qual não se interpreta um afeto, mas sim a ideia atrelada a ele.

Lacan (1953/1998)⁵ remete-se em algumas passagens ao ser-para-a-morte, deixando em aberto o sentido deste termo. Em outras passagens, ele fala sobre a função do analista, e penso que é a função da interpretação analítica, como um desmonte das certezas do sujeito, para no discurso escandir a resolução delas. Vejo o ser-para-a-morte como um estado decorrente desta escansão, no qual será necessária uma construção nova sobre o sujeito, mediada pelo desejo. Desta forma esbarra-se no que não é nem verdadeiro nem falso, mas sim novo e único. Ressalto esta como a função analítica pura da interpretação: função conhecida apenas no trabalho de análise pura.

Outra função da interpretação, agora voltada para a terapêutica da análise, é a desconstrução do sintoma analítico. Uma vez que este é estruturado como uma linguagem, ele pede decifração. É exigido dele um mínimo de sobredeterminação, para ser interpretado e descoberto o seu enigma. É com esta espécie de libertação da linguagem que aprisionou o sujeito em um sintoma que ele conseguirá dar sentido a algo que no início era de tudo enigmático. Será através da desconstrução das certezas do sujeito imbricadas neste sintoma que este será decifrado. Ou seja, aqui as duas funções da interpretação que aponto se encontram. Contudo, aponto que a função analítica da interpretação – que apontei acima como algo exclusivo da psicanálise pura - é aquela que toca na fantasia a priori, e no sintoma apenas como consequência.

Quanto mais sintomática uma fala, mais funcional ela é, mais redundante e conseqüentemente menos desejante. É uma fala que se reduz à informação. Da mesma forma que o sintoma foi construído pela linguagem, por ela será desconstruído através da interpretação analítica. Já a fala desejante é fala a que evoca. É a que busca resposta do outro.

A decifração do sintoma traz em cena a linguagem do desejo, modificando o modo de fala do sujeito. O caminho do desejo é o que vai ao encontro às desconstruções de certezas, ao suportar viver no âmbito do não saber.

Agora com um caso clínico venho ilustrar esta teorização. Kátia chega para atendimento com uma queixa forte em relação a sua sexualidade: aos vinte e quatro anos é virgem não por falta de oportunidade, pois já teve alguns namorados, mas por não conseguir realizar o ato sexual. Após realizar pesquisas na internet, intitula seu problema de vaginismo, uma contração na musculatura da vagina que impede a penetração. Diz que no caso dela é psicológico

e aposta na análise, o que me faz pensar na estrutura neurótica.

Após alguns meses de sessão ela começa a namorar uma pessoa a quem ela aproxima de um monge. Tranquilo e desapegado demais. Eles não conseguem fazer sexo e ele diz a ela que não tem problema. Contudo o namoro cai na mesmice de visitas dela a casa dele: eles não gostam de sair, não tem dinheiro para viajar, e não transam. Pouco tempo após ela localizar que a mesmice estava acontecendo ele termina com ela, dizendo que o problema era dele, que ele não consegue mais ver futuro em relacionamentos. Ela com muita dificuldade supera este rompimento, e após meses conseguirá conjecturas sobre o que a falta de sexo atrapalhou o relacionamento.

Kátia com muita facilidade atribui a causa de seus problemas a seus pais, pois a mãe, católica devota, não pode ouvir falar de sexo e seu pai é muito opressor. Ela havia voltado para a casa dos pais, após o término da faculdade no interior, e sente muita dificuldade ao lidar com eles no dia a dia, principalmente dificuldade com seu pai, quem ela diz que está sempre com bebida na cabeça, entrando no seu quarto sem pedir licença e lhe dizendo o que quer. Ela se sente muito submissa a ele e com muito medo.

Em uma sessão ela diz que não consegue ver o seu corpo, como se só tivesse a cabeça. Precisa andar e se vestir de um jeito que não chame a atenção. Se apegou no espiritismo por dizerem que o corpo não é algo que importa, mas sim o espírito. Gosta de ficar bastante tempo nas redes sociais vendo a vida de pessoas que lhe interessam, pois desta forma não precisa colocar o seu corpo nas relações. Eu digo que ela precisa pensar nela como mulher, numa interpretação que visava uma escansão desta cadeia de significantes relacionados ao apagamento do sujeito.

Algumas sessões depois ela me diz que não conseguiu entender o que eu quis dizer com isso, pois para ela homem e mulher é tudo igual; é assim que ela aprendeu na sociologia (que é sua titulação, embora ela dê aulas de inglês como ocupação). Disse que fez um curso *online* que falou do arquétipo da mulher como grande mãe, e como deusa do amor próprio que se manifesta como sensualidade. Disse que sempre achou que esse negócio de sensualidade não tem que se manifestar para não objetificar a mulher. Pareceu-me neste ponto alguma fantasia dela em relação a servir de objeto para o outro.

Após esta sessão se lembrou de que o ex namorado dizia que ela pare-

cia uma múmia, porque não lhe retribuía, e ela disse que não consegue fazer cara de tédio porque tem vergonha. Falou que não consegue pensar em sexo separado de amor, que precisaria confiar muito na pessoa para se soltar. Acha egoísta pensar em sexo por prazer. Eu disse que ela também dá prazer ao outro, ao que ela respondeu que nunca havia pensado por esse lado. Refletiu que ela tende a ser egoísta, porque leva as coisas para o lado dela.

As minhas duas falas relatadas, tanto no primeiro momento quando disse que ela precisa pensar nela como mulher, quanto no segundo que digo que ela dá prazer ao outro, tem caráter de interpretação, pois provocam uma escansão na cadeia significativa e uma busca de um sentido subentendido na fala. Kátia muda o foco de sua análise para como ela se vê como dona de seu corpo, e para a divisão subjetiva entre homem e mulher, até então reprimida no inconsciente. São interpretações que tocam na fantasia dela sobre ser objeto do outro, que está subentendida ao sintoma intitulado por ela de vaginismo.

Vale ressaltar que a palavra vaginismo foi colocada por ela, e penso nela como junção de vagina + ismo, alguma doença da vagina, como se a presença da vagina fosse motivo de doença. Como Kátia diz, sempre viu sua mãe virar o rosto ao ver cena de sexo na TV, e o pai não a autoriza a dormir fora com namorado. Há algo muito alienado na paciente a respeito destes pais, ou melhor, ela está muito alienada na falta de desejo deles.

No momento ela interrompeu as sessões. Está com dificuldades de horário, pois iniciou estudos de mestrado em São Carlos, na área de sociologia da religião, o que me parece uma saída para elaborar questões morais, não seguir o caminho da santidade, e sim o da elaboração de sua neurose.

*Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP) / Universidade de São Paulo (USP)

¹ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

² Freud, S. (1900). “A interpretação dos sonhos I”. In: *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

³ Hans, L. A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

⁴ Freud, S. (1915). “O inconsciente”. In: *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

⁵ Lacan, J. (1953). “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

O sujeito, o vazio e a interpretação

Maria Aparecida Malveira*

Um entendimento do supereu na clínica psicanalítica é essencial para estabelecer a direção da cura¹, frase essencial para introduzir Alice, 19 anos, trazida à análise pela mãe, após uma exuberante crise de angústia e pânico.

Estava assumindo o curso universitário, o encontro traumático com um professor cujas palavras no primeiro dia de sua formação acadêmica profetizavam um cenário ameaçador e catastrófico. Esse encontro com o velho professor localiza – já nas primeiras sessões - o Outro da sua fantasia. Alguma coisa desse encontro ressoa, localiza e atualiza na figura do avô, sua relação edípica. A frase fantasmática “tú és o ponto de discórdia”, um imperativo de gozo, dita pelo avô, com quem ela morava quando era criança, “o eco de um dizer²” que se inscreveu no corpo falante, estrutura o campo do inconsciente, determina o desejo como desejo do Outro.

Era tratada há alguns anos pela medicina com o diagnóstico de **Síncope Vasovagal**, também referida como **Síndrome Vasovagal**. É assim que Alice chega à análise, com sintomas corporais: queda de pressão, desinteira, um descontrole radical do corpo que demandava internações hospitalares. O vago vagal silenciava algo do gozo opaco do sujeito que a medicina tenta conter, silenciar, na tentativa de calar os sintomas.

Na análise, apanha-se o corpo pelo Um de gozo, que se inscreveu no corpo falante e que comemora o trauma. Esse Um é um efeito do real, “o corpo falante goza, ele goza de si mesmo, ele se afeta de gozo, ele se goza³”, mas não no corpo como superfície visível, mas no corpo falante ao fazer “traumatismo”, furo.

Uma síncope significativa do sujeito na presença do objeto, uma discórdia primordial no encontro com os significantes encarnados dessa discórdia. O sujeito desvanece, desaparece, angustia, apaga, frente a fortes emoções. Acontecimentos de corpo, pensamentos recorrentes de morte, desmaios, era a maneira que encontrava quando o corpo era invadido por fenômenos que não entendia. O sujeito sai fora para se livrar dos excessos: discórdias, provas, testes, que barravam seu desejo.

Laurent⁴ no seu texto “O analista semblante”, assinala que “o inconsciente não é algo que existe previamente, é algo que se produz quando o corpo é invadido por fenômenos que o sujeito não entende e provoca angústia”.

O que é então interpretar na transferência? pergunta Lacan, ao analisar o Caso Dora e responde: “nada além de preencher com um engodo o vazio desse ponto morto. Mas esse engodo é útil, pois, mesmo enganador, reativa o processo⁵”.

Nesse sentido a direção da interpretação, no encontro com Alice, foi, ao invés de recheiar os significantes de sentido, norteadas pelas singulares inscrições dos significantes que circulavam e se articulavam no vago-vagal do Outro, no vazio da sua angústia, nos pensamentos recorrentes de morte.

Esvaziado o gozo, na interpretação analítica, abriu-se para o sujeito um caminho para o desejo, restituindo-lhe aquilo que não podia acessar por si só, ou seja, “o afeto que designa ao nível desse desejo que é o seu⁶”.

Esse caso nos ensinou como a interpretação psicanalítica permite furar o real que invade o sujeito, quando diante de um traumatismo ou de um gozo do Outro, permitindo-lhe constituir um saber no lugar da verdade. Atualmente Alice cursa o sétimo período do seu curso, ocupou o vazio, “eu não sei como, mas eu sou outra”.

Lacan⁷ se diz *embasbacado* ao ouvir de Chomsky⁸ que a linguagem é, ela mesma um órgão, mas para Lacan “a linguagem está ligada a alguma coisa

que no real faz furo”, o furo no real, “é por essa função de furo que a linguagem opera seu domínio sobre o real”. Furar o real permitiu a Alice constituir um saber no lugar da verdade.

*Correspondente da EBP-Rio

¹ Campos, S. (2017). “O supereu e a neurose obsessiva”. Curso Breve a ser ministrado na CLIPP/SP, em 10 e 11.03.2017.

² Lacan, J. 2007([1975-1976]) *O Seminário Livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 18.

³ Miller, J.-A. (2016) Apresentação do Tema do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. “O corpo Falante: Sobre o Inconsciente no Século XXI”, ocorrido em 25 a 28.04.2016, no Rio de Janeiro.

⁴ Laurent, É. “O analista semblante”. *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise n° 55*, p. 48.

⁵ Lacan, J. (1998[1951]). “Intervenções sobre a transferência”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 225.

⁶ Lacan, J. 2013([1958-1959]) *O Seminário Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Capítulo VIII: “A mensagem da tosse curta”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

⁷ Lacan, J. 2007([1975-1976]) *O Seminário Livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 31.

⁸ Chomsky, A. N. 2007([1975-1976]) *O Seminário Livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 31. Citado por Lacan: linguista, filósofo, cientista cognitivo e ativista político norte-americano.

Bibliografia:

LACAN, J.(1998[1951]). “Intervenções sobre a transferência”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

LACAN, J. 2013([1958-1959]) *O Seminário Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Capítulo VIII: “A mensagem da tosse curta”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed..

LACAN, J. 2007([1975-1976]) *O Seminário Livro 23: “O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MILLER, J.-A.(2016) Apresentação do tema do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise. “O corpo Falante: Sobre o Inconsciente no Século XXI”, ocorrido em 25 a 28.04.2016 no Rio de Janeiro.

LAURENT, É. “O analista semblante”. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise n° 48*. São Paulo: Eólia.

Interpretação e Corpo – apontamentos iniciais

Paola Salinas*

Interessa-me a relação entre interpretação e acontecimento de corpo, a partir do efeito da palavra do analista, não atrelada ao sentido.

Ao discutir a Interpretação Inés Sotelo nos diz que: “quando se dirige ao sujeito do inconsciente, a interpretação opera sobre o sintoma como metáfora. No último ensino de Lacan, a interpretação é a tática singular que interpreta o *falasser*. Ali a palavra, o silêncio, o gesto ressoam e tocam o sintoma como acontecimento de corpo”¹.

A intervenção do analista, portanto, como palavra ou ato, pode tocar, ressoar, no gozo autista de cada um. A dimensão do corpo contemplada na clínica do *falasser* possibilita tal colocação, contudo esse momento se daria somente ao final da análise?²

Tomando a assertiva de Lacan de que “sobre a posição de sujeito somos todos responsáveis”³, como pensar tal implicação no campo do gozo do um sozinho?

Lívia, uma mulher de 51 anos, teve em sua adolescência e início da vida adulta, um corpo, que se não era invejável pelas formas, mantinha um uso sexual que provocava a curiosidade e a admiração do outro, dada a sua desenvoltura e vivacidade. Este corpo, todo fálico, tomado equivocadamente como a resposta ao ser mulher, sofria da divisão histérica,

entre sexo e amor. Nesses ensaios com vários homens, identificada à posição masculina, acabava por “fazer da sua vida um inferno”. Contudo, ali respondia a um enunciado materno que a colocava como uma mulher/filha da qual o pai precisaria afastar os homens, pelo poder de atração que a então menina exerceria ao crescer.

Enfim, ao escolher o amor, permanece feliz um longo tempo conjugando as duas correntes em um relacionamento. Uma solução que poderia ter durado toda a vida...

Quando chega à análise, sua terceira, está em outro momento. Seu corpo é ponto de angústia e não sabe o que fazer com ele. Depois de destacar a diferença da escolha amorosa feita por ela em relação à da sua mãe, mulher “fora do jogo sexual” que se dedicou aos filhos, termina por localizar algo nessa relação com a mãe como devastador. Algo no que concerne ao feminino em Lívia deixa sua mãe sempre com uma crítica na ponta da língua. É quando o ódio vem à tona, a mãe enfatiza que Lívia está longe de ser uma *boa* mulher.

Para ela resta um ponto opaco que se refere ao feminino e que precisa ser atravessado na análise.

Tal aspecto se perfila como algo opaco e “nojento” que cerca o corpo materno, que a incomoda e a faz confessar o que antes não tivera coragem: manipula seu corpo, particularmente algumas secreções, tal como supõe que a mãe o faça. Aparece um ponto fora do sentido, mas que porta algo do imaginário a partir do olhar e do suposto reflexo em espelho de tal manipulação gozosa.

Seria no campo do Outro materno, onde o mistério do corpo falante poderia se colocar, como ponto de junção da lalíngua e o corpo? Para além da fantasia da mulher bela que atrairia todos os homens, da menina obediente e ainda inteligente, aparece um corpo identificado ao da mãe que porta um nojo, aproximando-a do dejetivo.

Tem nojo da mãe, ao mesmo tempo que não consegue deter a própria manipulação. Ao dizer que seu corpo está ficando parecido com o de sua mãe a analista coloca: Você está construindo esse corpo. Lívia se queixa do corpo, de pedaços dele que vê como dejetivo. São traços que destaca depreciando-se profundamente, mantendo um gozo nesse sofrimento por um longo tempo.

Como consequência, a relação amorosa sofre, o *desejo* diminui e sente-se cada vez pior. Do lado da analista silêncio e por vezes a marcação da construção que insiste em fazer desse novo corpo, agora do lado do dejetivo. Longe do estatuto de salvar-se por essa via⁴, o masoquismo domina a cena.

Angustia-se nisso que parece ser um caminho sem volta. Traz um sonho e frente ao silêncio da analista, num susto se lembra de um som, fragmento de S1: um gemido ouvido da mãe que condensa prazer e dor. Tal gemido que ouvira quando criança vindo do quarto dos pais se confunde entre a face obviamente sexual e a dor que sua mãe parecia sentir.

Este novo ponto, que embora Lívia localize em uma cena, fica fora do sentido.

Das perguntas sobre a carne e o dejetivo que experimentava nos pedaços desfalicizados que destacava em seu corpo, surge o corpo materno como presença de um gozo próximo ao real, incompreensível, que de algum modo se fez marca, ainda sem poder articular um saber em relação a isso.

A intervenção da analista, sobre a construção do corpo, - como o de sua mãe, dirá depois -, faz destacar-se o pedaço de som que a afetou, um gemido, que parece indicar a presença da lalíngua. Esse som, da voz materna aparece como marca do inteligível do gozo para Lívia.

“A construção do conceito de gozo em Lacan demonstra que esse gozo só tem relação com o próprio corpo, pois não existe gozo do Outro. Existe gozo do Um sozinho, há o Um”⁵ ponto de partida do seu último ensino. Assim, embora Lívia destaque traços do corpo e do gozo materno, a questão se abre em relação ao que faz com seu corpo, construindo uma imagem de si que a devasta.

Neste caso, a imagem do corpo que porta traços do gozo materno suposto masoquista, no corpo da mulher, assume um lugar de angústia constante, uma imagem como parceira devastação.

Vemos então um corpo inicialmente significantizado e falicizado, em uma posição histórica, masculina, que fracassa. A pareceria amorosa enoda por uns tempos o gozo e o amor. Contudo, um resto, confesso como manipulação gozosa do corpo, lança o foco sobre o dejetivo, o corpo materno e um furo no saber a esse respeito.

Lívia ainda lança mão do recurso imaginário para dar conta de um sentido, e ainda, para ao construir um corpo-dejeto, faz da imagem sua parceira. Parceira-devastação.

O pedaço de som aponta para algo ininterpretável, é com esse pedaço de voz que marca a presença significativa do Outro que a pergunta por como ter um corpo de mulher, se abre. O que é, finalmente, ser mulher?

O dizer da analista pareceu afetar o corpo, contudo, o sujeito porta em seu corpo algo de incurável, e é esse incurável que é preciso cernir. Lacan nos coloca que “é a palavra do Outro que toca o ser encarnado, com efeitos de ressonância desde que o analista não deixe passar a ocasião de alcançar a economia do gozo partindo do discurso analítico – por vias essencialmente contingentes”⁶, é essa a aposta.

*Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise.

¹ Sotelo, I. Interpretação e Acontecimento de corpo. In: *Scilicet: O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI*. São Paulo, Escola Brasileira de Psicanálise, 2016, pg. 176.

² Discussão na EBP-SP a partir da intervenção de Sandra Grostein na atividade “Atualizando os *Escritos*, 50 anos depois”.

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NE5c-irhzmU> e <https://www.youtube.com/watch?v=wcjF69IGEOU&t=8s>

³ Intervenções de Maria Cecília Galletti Ferreti e Jorge Forbes, discussão “Atualizando os *Escritos* 50 anos depois”. EBP-SP. Id. *Ibid./ Lacan. J. A Ciência e a Verdade, Escritos*, p. 873. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

⁴ Miller, J-A. A salvação pelos dejetos. In: *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011, p. 227-233.

⁵ Gonçalves, N. P. “Gozo do corpo”. *Scilicet O inconsciente e o corpo falante*.

⁶ Lacan, J. (1972-1973) *O Seminário Livro 20: Mais Ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 164.

Inconsciente interpretante

Paula Catunda*

“...o que se diz no que se escuta, o que se lê no que se escreve depende da interpretação.”
(Miller, 2012, p.3)

Freud, em *Homens dos Lobos*, comenta sobre o momento em começam a surgir alguns sonhos durante a análise do caso. Nesta época cita o texto “Construções em análise” de 1937 para explicar sobre a interpretação.

Encontro no texto de Freud uma questão similar a minha, que surgiu durante um atendimento na clínica do CLIN-a, em que a paciente histérica começa, a partir de um determinado momento, a trazer muitos sonhos nas várias sessões seguintes. Fiquei com a questão: qual a interpretação gerou a produção de tantos sonhos?

Cito Freud:

Não há qualquer perigo em comunicar construções dessa natureza à pessoa que está sendo analisada; elas não prejudicam a análise, mesmo se são equivocadas; mas ao mesmo tempo, não são colocadas a não ser que haja alguma perspectiva de alcan-

çar uma aproximação da verdade por meio delas. O primeiro efeito dessa suposição foi o aparecimento de alguns sonhos... (Freud, 1918, p.33, vol. XVII)

Freud pesquisava as lembranças infantis e considerava os sonhos um importante material para recuperar, através da associação livre, o que foi reprimido. Qual é a tarefa do analista? Questionava-se ele. “Sua tarefa é a de completar aquilo que foi esquecido a partir dos traços que deixou atrás de si ou, mais corretamente, construí-lo.” (1937, p. 293, vol. XXIII).

Acho importante comentar que no caso que me gerou a questão, a paciente piorou quando completou 6 meses de atendimento, pois pensou que este seria finalizado pelo fato de ser gratuito e pelas normas da clínica. Verbalizou que não tinha condições financeiras para continuar pagando. Os sonhos apareceram após a confirmação da continuidade do atendimento gratuito por mais um período.

Durante as sessões, aos poucos deixa de justificar os fatos de sua vida com aspectos religiosos e fechados, verbaliza mais sobre sua relação com os homens e com seu pai. A depressão diminuiu, mostra-se mais animada e emagrece 5kg.

As intervenções feitas marcavam sua relação com o pai. Minha hipótese era de que ele havia deixado marcas traumáticas em sua filha. Assim, ela falava não só dele, mas da sua relação com os homens. Um pai sedutor, cheio de amantes e que a colocava no centro das atenções, numa posição entre ele e sua esposa. Nem ele, nem ela teve uma boa relação com sua mãe.

Falar do pai começou a ficar difícil para ela, chegando a dizer que não queria vir às sessões em função disto. Neste momento, começam os sonhos, fortes, no início alguns pesadelos.

Os sonhos foram trazidos às sessões quase que semanalmente e durante muito tempo. Através deles foi possível retomar sua história com os homens e sua elaboração sobre o pai sem tanta dificuldade. Sonhos sempre com homens, inicialmente rudes, agressivos e comprometidos. Mais tarde seus sonhos evoluem apresentando outros tipos de homens que eram associados com pessoas mais agradáveis.

Penso que foram necessárias interpretações do analista, que deram uma direção

à análise, para que fossem feitas construções, que desde Lacan chamamos de construção da fantasia.

Retomo a questão de Freud descrita acima: qual é a tarefa do analista? Podemos pensar que a interpretação seria sua tarefa?

No início Freud pensava a interpretação como algo que revelava o desejo inconsciente e utilizava-se da recordação como mostra em “Estudos sobre Histeria”.

Acompanhando Lacan ao longo de seu ensino vemos que no primeiro momento ele valoriza o reconhecimento do desejo. Depois há a prevalência do significante, um significante que poderia esclarecer o inconsciente. Na sequência Lacan aponta o gozo. O inconsciente passa a ser pensado como um saber cifrado, onde há gozo. Mais tarde a interpretação não aponta mais o sentido, há o Real. Portanto, não se interpreta mais pela mensagem a ser decifrada, mas se aponta gozo produzido pelo ciframento.

São diversas as formas de interpretação: pela pontuação, corte, equívoco, enigma, meio-dizer...

No caso, após resistir, o inconsciente interpretou, permitindo a continuidade da análise.

Relata uma cena em que é desvalorizada pelo pai na frente de toda a família. Causando depressão, sofrimento, fracasso. “Sou uma farsa”. Nunca conseguiu sair deste lugar.

Há uma diferença entre o “tu és isso” da determinação primordial do sujeito, que conjuga significante (S_1) e gozo (a), e o “tu és teu sintoma”, que inscreve entre os dois uma perda, uma hiância. Para produzir a passagem de um ao outro é preciso resgatar o sujeito dividido entre a letra, marca sem sentido, e a interpretação enquanto ela articula gozo e sentido. O corte introduz entre as duas um vazio, um silêncio, uma pausa, e então o sujeito pode se responsabilizar pelo seu gozo porque não fica mais à mercê do imperativo pulsional mortífero.” (Barros, 2006, p.2)

A análise prossegue via os diversos modos de interpretação, efeito do desejo do analista, em função de sua subjetividade, percurso e estilo.

*Associada ao CLIN-a

Freud, S. “História de uma neurose infantil”, 1918. “In” *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 12-220.

Freud, S. “Construções em análise”, 1937. “In” *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 289-304.

Miller, J.-A. “O escrito na fala”. Online. Disponível em: *Opção Lacaniana online* nova série Ano 3, numero 8, julho 2012.

Acesso em:

http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_8/O_escrito_na_fala.pdf

Barros, M. do R. C. R. “Interpretar o inconsciente hoje”. Disponível em: *Latusa digital*, ano 3, n° 22, maio de 2006.

Acesso em:

http://www.latusa.com.br/pdf_latusa_digital_22_a1.pdf

Ao Conceito

A criança, o inconsciente, a família O que se interpreta?

Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles*

Este texto aborda questões da clínica psicanalítica com a criança, especialmente o que diz respeito ao trabalho com os pais. Se temos como dado que os pais participam do dispositivo, não é nada evidente como esta participação ocorre, tampouco no que ela acarreta. Sabemos que um manejo caso a caso é exigido e devemos estar atentos para, justamente, não estabelecermos *standards* em torno disto.

O percurso que realizamos, visando reunir elementos para situar a clínica com a criança, teve no horizonte, e como ponto de partida, a seguinte questão: Com nossas intervenções, o que nos assegura estarmos no campo do psicanalítico? Ou, ainda, em que temos de nos apoiar para sustentar o ato analítico, uma vez que, sabemos, trata-se de uma prática onde o analista é especialmente atravessado por inúmeras demandas, sendo que as dos pais ocupa um lugar central?

Pela presença e efeitos de outros discursos, enfrentamos um cenário onde a oferta de saberes especializados - para os quais a criança é facilmente entregue - apresenta-se como obstáculo para a suposição de que há na criança um saber.

Se a criança da psicanálise é a criança do desejo, onde lhe é dada a condição de sujeito, de *parlêtre*, atribuindo-lhe o poder de pensar e de ser alojada no dispositivo analítico pelas vias de seu sintoma, esta criança resulta do fato

de a psicanálise jogar sua partida no campo da fala e da linguagem, tal como evidencia a descoberta freudiana.

Na contramão desta aposta na palavra, temos modos de presença de um saber sobre a criança que atendem, essencialmente, a ideais que a criança simboliza; como consequência, uma não consideração do sujeito em sua enunciação - uma forma de rejeição que a clínica com a criança nos possibilita assim formalizar.

Trata-se, ainda, em nosso trabalho, de uma necessidade de considerarmos como se produz a transferência em relação ao inconsciente e, consequentemente, à psicanálise – aspecto que adquire uma perspectiva ainda mais complexa na clínica com crianças.

O que fundamenta nossas intervenções com os pais? O que visamos com nossas intervenções? O que adquire estatuto de interpretação e o que se interpreta?

A criança e o inconsciente

Tal como a clínica analítica nos ensina, para que o sujeito possa construir um novo saber, há que consentir em apostar na experiência com a palavra, com as suas e com as palavras provenientes do Outro. Se a psicanálise permite - podemos assim resumidamente indicar - tratar este laço do sujeito com o Outro, para uma criança em análise abre-se um novo campo, um campo “onde ela pode se *entender* como um sujeito em ligação com seu pai, sua mãe e a história de sua família”¹.

Aprendemos, desde Freud, que o inconsciente é o que faz furo no discurso – temos o lapso como paradigma. No entanto, ao lado da ruptura e do efeito de surpresa que um lapso provoca, há outro ponto crucial: o surgimento de um real enigmático, tomado como tal pelo sujeito. Seguindo estas coordenadas, podemos tomar o sintoma como uma resposta do sujeito diante do que constitui enigma para ele.

Se o inconsciente é o encontro com palavras, pedaços de palavras e de frases, coisas entendidas ou não, ele também é o encontro com o corpo, com o corpo próprio e sua imagem, com os outros corpos ou com pedaços destacados do corpo². E este encontro com a materialidade significativa ou

imaginária somente acontece graças aos pedaços de uma substância particular que Lacan nomeou *gozo*³. Uma parte destes encontros é inscrita no registro do Outro, outra parte não: esta parte que não se inscreve é o acontecimento de gozo, o que Freud designou como traumático. Ou seja, há uma face, a face real do inconsciente, que é impossível de ser cifrada e, portanto, decifrada. Desta maneira, Daniel Roy introduz, com clareza e precisão, a dimensão do inconsciente. Seu texto, que tomamos aqui como referência, nos permite ainda assim formular: o inconsciente amarra estas dimensões, ou melhor, ele é a própria amarração entre elas e a responsabilidade do analista é que o dispositivo analítico “não se oponha às leis da estrutura e que comporte em seu coração o *sem lei* do real”⁴. Esta indicação torna-se fundamental para a clínica com crianças, sobretudo, pois se o dispositivo analítico “se opuser às leis da estrutura” certamente estaremos do domínio da psicoterapia.

Tal como Lacan sustentou em seu ensino, o inconsciente é o nome do que se produz, de forma contingente, no encontro com um analista e é, ao mesmo tempo, “um meio, um instrumento, um aparelho do qual a estrutura se serve para que o sujeito entre na dimensão da sua questão”⁵. Assim, se as crianças encarnam o “fora de sentido” – aquilo que pode se engendrar na estrutura familiar -, via transferência poderão se deparar com a opacidade que comporta seu sintoma e o trabalho analítico deve permitir à criança transformar as respostas do real, que aparecem via sintoma, em questão. Que ela possa construir qual é a questão, a sua questão, que seu sintoma comporta – isto não é tão fácil de se produzir, mas é essencial que ocorra.

O fato de apostarmos na posição da criança como analisante, ponto crucial em torno do qual nos orientamos, implica que analisemos o modo como esta criança é falada, a maneira como ela está capturada pelas palavras do Outro, como também as vicissitudes em torno do ponto de real que dá origem à sua constituição subjetiva.

O ensino de Lacan nos conduz a ter “o objeto *a* como bússola”, uma vez que esta bússola, como diz Laurent, “nos separa de todas as tentativas sedutoras de ter um saber sobre o que é um pai e uma mãe”⁶. Além disto, torna-se necessário colocarmos no centro de nossa clínica “o caráter de objeto real da criança, objeto apaixonadamente desejado e, ao mesmo tempo, rejeitado”, tal como revelado pelas inúmeras “ficções e delírios familiares”⁷.

O mal-entendido como centro de toda formação familiar

“Não há outro traumatismo do nascimento senão o de nascer como desejado. Desejado, ou não – é a mesma coisa, já que é pelo falasser (*parlêtre*)”⁸.

Esta referência de Lacan estabelece um corte radical em relação a qualquer ficção – jurídica, científica, pedagógica, psicológica – em torno de um ideal de família e de criança. E ela indica, essencialmente, que nossa origem subjetiva decorre de um desejo, e isto não é sem consequências. A primeira delas é que sendo desejado pelo falasser, este falasser, como indica Lacan, “reparte-se em dois, dois falantes que não falam a mesma língua. Dois que não se entendem [...] Dois que se conjuram para a reprodução, mas por um mal-entendido [...]”⁹ – este é o princípio da família.

Assim, se o mal-entendido estará no coração mesmo do casal parental isto é um fato de estrutura, um ponto de real em torno do qual caberá a cada um construir uma ficção, um mito. O que, inexoravelmente, se apresentará em toda experiência analítica, seja qualquer for o momento da vida em que se encontra o analisante. Neste sentido, podemos verificar que a trama do destino de cada um pode ser traçada a partir deste ponto, deste “ponto de real que constitui a origem subjetiva de cada um: o encontro fracassado entre os desejos que nos lançaram ao mundo”¹⁰.

Rapidamente, podemos dar um passo a mais e fazermos uma leitura desta referência como outra de Lacan: “Nota sobre a criança”¹¹, de 1969. Destaco, dentre as indicações fundamentais presentes neste texto, uma questão central: a função de resíduo da família - que Lacan insiste em fazer valer contrapondo-se às utopias comunitárias que defendiam, à época, sua dissolução – está longe de se alinhar com o ideal de uma função, ou seja, com o que poderia evocar um saber-fazer com a função, paterna ou materna. O que Lacan acentua nesta função de resíduo da família é que ela própria “prepara o lugar do sintoma”¹². Neste sentido, o sintoma da criança pode ser considerado como uma resposta do sujeito mediante o que já se apresentava como o impossível da relação entre os sexos¹³, ou, se quisermos, frente ao mal-entendido estrutural que funda a família e que já estava lá desde sempre.

No entanto, o que Lacan também nos faz ver é que este impossível torna-se a própria condição para um sujeito advir, uma vez que é a partir do que se apresenta tal como falta que o sujeito poderá construir suas próprias respostas, mesmo que seja à custa de seu sintoma.

Dar lugar ao inesperado no encontro com os pais

Escutar os pais é antes de tudo dar um lugar para que a palavra possa circular, sob transferência, nos encontros com o analista.

Convidar os pais a falar, além de nos oferecer chaves de leitura da situação da criança, abre outra perspectiva: poder recolher os efeitos produzidos, no pai, na mãe, ou em ambos, pelo encontro com as próprias palavras que podem, ao modo de surpresa, tal como um lapso, fazer furo no saber constituído em torno e sobre a criança; ou ainda, que eles “possam se deixar surpreender por aquilo que acreditam conhecer demais”¹⁴ – tal como Rouillon engendra em seu belo texto.

Não se trata, portanto, de encontrar ou fixar a família como uma “falha” em relação a suas funções - ponto de angústia que incorre por vezes na busca do atendimento -, mas, antes de tudo, reestabelecer com os pais a função do desejo, como este desejo se fundou e que marcas produziu; trata-se mais de “relançar o desejo no nível dos pais, de relançar enquanto ele se sustenta da falta e da falha”¹⁵.

Encontros, como nossa experiência evidencia, que podem relançar o desejo nos próprios pais, uma vez que efetivamente podem se interrogar acerca de algumas ficções dos quais são também prisioneiros e ler qual o desejo que os move em relação ao filho e em relação a eles próprios.

Do lado do analista, sabemos que escutar os pais é encontrar para cada criança quais são os significantes que contam, os significantes que têm importância, quais são as marcas do desejo que a inscreveram, uma vez que o desejo do Outro é um dos nomes do desejo dos pais.

Em alguns casos, torna-se possível ultrapassar uma barreira, a barreira da interpretação que os pais têm da criança e, quando oportuno, dizer algo que os permita escutar a língua do sintoma da criança, e que esta língua seja suportada por eles¹⁶. Em outros termos, que a criança não seja identificada somente ao seu comportamento, mas que ela possa ser alojada em sua enunciação¹⁷.

Uma palavra a mais sobre “o analista ter o objeto *a* como bússola”. Esta é uma proposição de Éric Laurent que ganha maior relevo face às transformações que vivemos hoje em relação à família, suas novas configurações, e face ao recrudescimento da posição da criança como objeto, especialmente a partir do discurso da ciência – como paradigma, as iniciativas delirantes que podemos encontrar em torno do “direito” de se ter um filho. O que Laurent destaca é que, ao lado destas promessas da ciência ou do discurso jurídico, nenhuma tentativa de ensinar como deve ser um pai ou uma mãe, como devem se comportar, os retirará da “falha fundamental de existir”. E uma vez, segue Laurent, “que o objeto *a* enlaça o gozo e a dor de existir”, temos, sempre, de considerar e analisar este enlace¹⁸.

A criança e sua interpretação

Lacan, ao se referir ao mito como tentativa de se construir uma forma épica para aquilo que se opera pela estrutura, nos diz o seguinte: “Mesmo que as lembranças da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las”¹⁹. Tal como Freud indicou, em “Os romances familiares” e em “Bate-se em uma criança” ou “Uma criança é espancada”, o caráter ficcional presente na construção da fantasia, as ficções necessárias de serem inventadas pelo sujeito respondem a uma questão de estrutura.

Para além do que escutamos dos pais, dar lugar à interpretação da criança é acompanhar em cada detalhe as suas construções, as suas ficções, e por meio delas localizarmos como a criança se situa na estrutura, como interpreta o desejo que localiza nos pais, como interpreta o desejo entre eles; como articula o desejo com as demandas que lhe são dirigidas, o que pensa acerca da maneira como tenta respondê-las e do fracasso que daí decorre.

Assim, “a origem mítica que sustenta as ficções não impedirá jamais qualquer pessoa de interrogar este ponto, que nenhuma versão sobre sua origem pode resolver, o mistério do ‘que eu sou?’ redobrado pela impossibilidade de ser causa de si mesmo”²⁰.

Ser desejado é uma criança da qual se fala, seja lá o que for, uma criança tomada pelas palavras – importa menos qual conotação tenham estas palavras e mais o fato de que a criança encontre um ponto de inscrição por meio

das palavras que recebe do Outro.

O que o dispositivo analítico por vezes evidencia para a criança - e temos aqui um ponto fundamental - é que os pais podem não saber tudo dela, de seus pensamentos, de suas fantasias, do gozo que a anima. Esta descoberta introduz uma nova dimensão por meio da qual se pode operar uma distância da criança em relação aos ditos que a marcaram. Trata-se, portanto, de uma aventura da criança nas suas descobertas da língua e dos semblantes, podendo “esburacar a língua do Outro”²¹ que se lhe apresentava como absoluta e enigmática.

Vale lembrar, aqui, uma referência de Lacan no *Seminário 6, O desejo e sua interpretação* (1958-1959): há um momento no qual o sujeito assume o ato de falar, e neste ponto preciso, “assumir o ato da palavra”, abre-se a dimensão do sujeito do inconsciente e também do recalque. E a estrutura primitiva do processo de enunciação aparece justamente quando a criança percebe que os adultos, que deveriam conhecer todos os seus pensamentos, não os conhecem²².

Em análise, o desvelamento de alguns significantes singulares permite que a criança modifique sua posição frente à sua própria enunciação.

Para concluir

Um dos principais efeitos de formação que podemos recolher da experiência clínica é desconstruir certa visão determinista que durante tempos prevaleceu: a de explicar, de maneira um tanto rígida, o sintoma da criança a partir da posição dos pais²³.

A psicanálise introduz um novo tipo de causalidade, que temos de considerar vivamente: “face um real – e este real é também o discurso tal como a criança o encontra – a criança faz certa escolha, a escolha de uma posição e de uma resposta singular”²⁴.

A grande dificuldade - e ao mesmo tempo o que deve nos orientar no encontro com os pais – é a inclusão no código, por vezes tão rígido da família, de algo da contingência, do achado, do inédito; que os pais possam se surpreender também com aquilo que justamente acreditam conhecer absolutamente. “Abrir um espaço, um hiato, uma imprevisibilidade no encontro com os pais”, tal como bem nos diz Ansermet²⁵.

E, assim, poderemos acompanhar, como parceiros da criança, as suas construções e soluções e atestarmos que a sua invenção é o seu inconsciente e a sua interpretação.

* Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Associada e Membro do Conselho Técnico do CLIN-a.

Texto apresentado na Abertura das Atividades de 2017 do CLIN-a São José dos Campos, no dia 04 de março de 2017. Preparatória ao VIII ENAPOL *Assuntos de família: seus enredos na prática* [Buenos Aires, setembro de 2017].

1 Bonnaud, H. (2013). *L'inconscient de l'enfant – Du symptôme au désir de savoir*. Paris: Navarin, p. 21.

2 Roy, D. (2010). “L'inconscient, c'est son invention”. In: *Portier de l'inconscient. La Petite Girafe*. Institut du Champ Freudien. n. 32. Paris, Éditions Agalma, p. 29.

3 *Ibid.* p. 29.

4 *Ibid.* p. 30.

5 *Ibid.* p. 30.

6 Laurent, É. (2011 [2008]). “A análise de crianças e a paixão familiar” (2008). In: *Loucuras, sintomas e fantasias na vida cotidiana*. Belo Horizonte: Scriptum, p. 42.

7 *Ibid.* p. 35.

8 Lacan, J. (2016 [1980]). “O mal-entendido”. Pronunciado em 10/06/1980. In: *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*. São Paulo: Editora Eolia, número 72. p. 11.

9 *Ibid.* p. 11.

10 Laurent, É. *Op. cit.* p. 37.

11 Lacan, J. (2003 [1969]). “Nota sobre a criança”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

12 Rouillon, J.-P. (2016 [2001]). “O trabalho com os pais – da função de resíduo à surpresa”. In: *Opção Lacaniana Online, Nova Série*, ano 7, número 20, p. 3.

13 *Ibid.* p. 3.

14 *Ibid.* p. 13.

15 *Ibid.* p. 4.

16 Roy, M. (2015). “De l'enfant objet à l'enfant sujet”. In: *Interpréter l'enfant*. Institut psychanalytique de l'Enfant. Paris: Navarin, p. 182

17 *Ibid.* 182.

18 Laurent, É. *op. cit.* p. 42.

19 Lacan, J. “Televisão” (2003 [1974]). In: *Outros Escritos. op. cit.* p. 531.

20 Laurent, É. *op. cit.* p. 38.

21 Roy, M. *op. cit.* p. 182.

22 Lacan, J. *O seminário, livro 6, O desejo e sua interpretação* (2016 [1958-1959]). Rio de Janeiro: Zahar, p. 89-90.

23 Ansermet, F. (2015). “L'enfant du siècle et ses psychanalalystes” – Consersation. In: *Interpréter l'enfant*. Institut psychanalytique de l'Enfant. Paris: Navarin, p. 32.

24 Stevens, A. (2015). “L'enfant du siècle et ses psychanalalystes” – Consersation. In: *Interpréter l'enfant*. Institut psychanalytique de l'Enfant. Paris: Navarin, p. 32.

25 Ansermet, F. *op. cit.* p. 32.

A loucura e o Pai

Veridiana Marucio

Introdução

Em um antigo texto de 1946¹ Lacan escreve a seguinte frase: “Não se torna louco quem quer”; ele a deixa gravada na parede do Hospital de Paris onde realizava suas primeiras práticas, extraindo dela a ironia que descobria na esquizofrenia.

Em contraposição a essa afirmação, veremos Lacan concluir em 19782: “Todo mundo é louco, ou seja, delirante!” - O que percebemos com essa afirmação é a ironia do próprio Lacan. É um momento de mudança, no qual, como nos lembra Graciela Brodsky, não se trata mais de Lacan em relação a Freud mas sim de Lacan em relação a ele próprio.

Podemos pensar em um trajeto de leitura entre essas duas afirmações em que já se vê diferenciar, no final do século recentemente passado, a clínica descontinuista da primeira parte do ensino de Lacan, feita de sim ou não, psicose ou neurose etc., e a última clínica, cujo paradigma está centrado nas psicoses ordinárias, continuísta, em que as categorias são mais fluídas e as soluções são quase tão variadas quantos os sujeitos.

O fio condutor para essa apresentação sobre o Pai e a loucura será a esquizofrenia, como o paradigma de soluções variadas, mais ao modo da última clínica, enquanto que a paranoia seria o modelo da primeira.

A loucura do primeiro ao último Lacan

Gostaria de recordar o contexto da primeira afirmação de Lacan e tentar traçar um elo que possa esclarecer esse caminho. Podemos abordar a relação entre a função paterna e a loucura como uma conexão causal, como também podemos abordar a questão a partir da loucura do Pai, ou da função que não mais opera.

Até 1946 o que tínhamos bem estabelecido era a teoria organicista da loucura na psiquiatria e Lacan, ao contrário, vem afirmar que existe uma causalidade psíquica. Além disso, aponta para algo especialmente importante, que é a discordância primordial entre o Eu e o ser. A loucura encontra aí sua estrutura fundamental e mais geral: na perturbação na junção mais íntima do sentimento de vida do sujeito.

A teoria lacaniana dos anos 50 vai então se ordenar a partir de uma teoria da instância imaginária, que se institui a partir dessa loucura fundamental, constituindo um eu de modo reflexivo, ou seja paranoico.

A seguir, no seminário 33 e no texto *De uma questão preliminar*⁴, em 1955-56, Lacan produz um deslocamento do campo imaginário da identificação para dar peso ao simbólico. A fórmula “não se torna louco quem quer” vem ocupar um lugar na clínica das classificações relacionadas à estrutura. A psicose não resulta de uma decisão. Como estrutura clínica e não como um inventário de meros sintomas e comportamentos observáveis, estabelecemos que a psicose está delimitada a partir do conceito de forclusão do Nome-do-Pai.

Uma vez estabelecida essa correlação, aparece já nos anos 50 os modos de compensação dessa falta. A presença de fenômenos elementares, transtornos de linguagem, a predominância do imaginário e as identificações massivas são manifestações clínicas da *Verwerfung*.

A forclusão generalizada (na verdade, o *sinthoma* generalizado)

No início dos anos 70, temos uma outra perspectiva para a psicose com uma nova definição de sua constituição, livre do formalismo estruturalista, e apoiada

na topologia dos nós. Em seu seminário *RSI5*, 1974-1975, a hipótese principal de Lacan é a de que os três registros podem se enodar de maneira borromeana, isto é, podem ter em si mesmos um modo de enodamento borromeano. Lacan toma, então, Joyce como paradigma dizendo que na psicose, o nó não se enoda borromeaneamente e é preciso um remendo, algo que venha sanar essa falha, ou seja, amarrações compensatórias.

Já em seu seminário *O sinthoma*⁶, seguido de *RSI*, sua tese maior é a da forclusão generalizada, destacada por Jacques Alain Miller, qual seja: inclusive na neurose, todos os registros estão soltos, sendo necessário um enodamento por um quarto elemento. Em todos os casos esse enodamento se chama *sinthoma*, grafado com h.

Como consequência desse trabalho de Lacan sobre Joyce temos uma transformação do conceito de inconsciente e de final de análise. Desse momento do ensino de Lacan orientado pelo real é extraída a tese da loucura generalizada, que retoma o tema de uma perturbação na junção entre o eu e o ser, fundamento geral da loucura como uma constituição do eu como sempre um pouco delirante. Todos os nossos discursos não passam de defesas contra o Real, colocada por Miller em *Clínica Irônica* ⁷, o que promove consequências importantes para a clínica.

A paranoia era a psicose de referência no primeiro tempo do ensino de Lacan. Na segunda orientação, o que melhor nos permite entender essa defesa contra o Real é a esquizofrenia, para quem todo o Simbólico é Real. Isso significa que os sujeitos esquizofrênicos não utilizam os semblantes do discurso, e que existe, portanto, uma conexão direta entre a linguagem e o corpo.

O declínio da função paterna permite ver que a psicose é muito mais frequente do que se pensava, que o Nome-do-Pai é bastante ineficaz na maioria dos casos, e que os sujeitos inventam soluções que não são necessariamente o Nome-do-Pai para domesticar o gozo.

Como nos lembra Graciela Brodsky⁸, essas soluções podem ser bastante estáveis, se arranjando muito bem com sintomas ocasionais, o que rompe com a ideia descontinuísta da clínica estruturalista, em favor de uma clínica da continuidade, onde não é mais tão fácil colocar alguém de um lado ou de outro.

A esquizofrenia e a forclusão generalizada

Segundo Miller⁹, se o Outro existe, podemos resolver pelo sim ou pelo não, mas, quando o Outro não existe, não se está simplesmente no sim ou no não, se está, portanto, no mais ou menos, ou seja, trata-se de uma clínica não estruturalista da gradação.

Em Arcachon ele responde à pergunta que lhe foi feita a propósito da continuidade entre a neurose e a psicose, à qual ele responde que não, e que a questão seria mais bem de uma gradação no interior do grande capítulo das psicoses. É uma perspectiva pragmática da psicose ordinária, e as consequências clínicas para a prática cotidiana se deduzem daí: A psicose é um conceito amplo que não esgota em absoluto as formas clínicas das psicoses psiquiátricas. Temos psicóticos sem fenômenos elementares, sem delírio, sem errância, etc... normais até demais; supernormalidade, muito bem adaptados.

O último ensino passa assim à busca de resolver problemas que não apareciam como problemas anteriormente. Passamos da proeminência do conceito de função paterna, responsável pelo “sim” ou “não” psicose, para o de *sinthoma* particular, como regulação singular de gozo. Não é mais o Nome-do-Pai que regula o gozo, e sim o *sinthoma*. O que temos é a clínica do não-todo, porque a solução de um não vale para outro¹⁰.

O Outro do paranoico é o Outro que existe, até demais, e na neurose o Outro não existe. Por isso o neurótico quer fazer existir, o paranóico diminuir a consistência, e o esquizofrênico por sua vez se distancia, não supõe saber no Outro, o que é um problema para a transferência. A transferência de gozo em direção à dimensão dos semblantes não ocorre e a realidade e a vida se apresentam desprovidas de qualquer ilusão, mas também sem objetivos e interesses. Os discursos são vividos como ocos, sem fundamentos.

A ironia, mais ou menos feroz, de sua relação com o Outro, ao social e a vida em geral é a denúncia de sua falsidade e de sua vacuidade. Ele experimenta a estrutura da inexistência do que constitui a realidade, feita de artificios, de usos, de convenções.

Se o corpo não recebe de um discurso um funcionamento unificado e regido pelo princípio do prazer, na esquizofrenia ele aparece ao mesmo tempo

como destacado do sujeito, não habitado e como submetido à uma significatização dispersa dos órgãos, fora de uma unidade corporal.

No registro do semblante, do imaginário ou das identificações, o corpo aparece como exterior ao sujeito ou como algo autônomo e sem vida, enquanto que no registro do real ele é idêntico à carne, não separado de seu ser de gozo. A dificuldade é a de se separar das diversas formas de dejetos que encarnam esse ser e a necessidade ao mesmo tempo de se separar ou de extrair por meios reais o gozo, que vão até à automutilação e testemunham essa imanência do gozo do registro do Real e de sua forclusão¹¹. A exemplo disso temos o enema, no caso do Homem dos lobos.

Uma clínica pragmática

Não é o caso hoje de entrar no detalhe da fenomenologia, mas tecer uma breve consideração que pode nos orientar à partir da clínica da esquizofrenia. Segundo Zenoni¹², pensar a esquizofrenia hoje comporta primeiramente restituí-la no campo desses diversos avatares da libido que são as doenças da condição de ser humano, de onde a neurose e a paranoia foram as primeiras formas exploradas.

Freud considerava os delírios dos sujeitos psicóticos como tentativas de cura. Como a fantasia para a neurose, os delírios permitem velar uma parte do real. Para o esquizofrênico, existe uma dificuldade suplementar, pois não há fantasia e também não há a constituição de um delírio, e é por isso que, nos lembra Miller em seu curso *A clínica lacaniana*¹³, de 1982: o esquizofrênico tenta se conectar a um outro corpo, um corpo simbólico de substituição, como um tratamento possível do Real.

Assim, o tratamento se orienta em encontrar as conexões do simbólico e do corpo, alternativas àquelas que se conectam diretamente com os órgãos, que incluem uma mediação imaginária, obter outras localizações da libido que possam fazer funcionar um ponto de basta, de limite que não sejam as passagens ao ato, favorecer um deslocamento da separação em direção à uma prática que seja mais da ordem do semblante.

Entretanto, segundo Brousse¹⁴, em todo o último período do ensino de Lacan, enfatiza-se o papel do sintoma também para a neurose, na medi-

da em que há um enfraquecimento do poder estruturante do fantasma, portanto uma dissociação ente o gozo do corpo e o amor ao Outro. O que se verifica é o tratamento da marca, posto que não é mais o pai no responsável pelo tratamento do gozo pulsional. Este Outro do nome que se fazia parceiro do gozo do sujeito no fantasma, que dava o seu lugar fálico no corpo, está ausente ou desaparecendo.

No *Seminário 615*, Lacan refere que um ponto de loucura é quando o neurótico perde o suporte do fantasma, e que sem esse suporte se está louco, o que implica a perda da articulação entre o desejo e gozo. São vários os modos pelos quais Lacan situa a perda do suporte do fantasma, ou seja, não somente quando não há um fantasma constituído se está na loucura, e isso seria uma forma de demonstrar que todo mundo é louco. A eclosão da loucura na neurose também tem a ver com a irrupção de um gozo e com a dificuldade em circunscrevê-lo, e nesse sentido não há tanta diferença entre psicose e neurose.

Percebemos a afinidade do esquizofrênico e dos autistas com as máquinas – computadores, *tablets*, celulares, vídeo games, etc. Estes lhes oferecem toda uma possibilidade de conexões que podem permitir conectá-los por meio de outra lógica, que não a do sentido, que não a do discurso.

Assim, frente às soluções singulares dos sujeitos esquizofrênicos, poderíamos quase prever o sucesso da obtenção da saúde para todos. De fato, a queda do pai simbólico e dos ideais deixou seu lugar aos mercados dos corpos simbólicos de substituição. Vemos o quanto progride a Apple, por exemplo, com aplicativos de medidas e previsões, das leituras do corpo, aconselhando a respirar e a se levantar durante o dia, medindo os batimentos cardíacos, etc.

Considerar que o sujeito psicótico sofre da falta de um operador da amarração do Simbólico, Imaginário e Real, que seria o Nome-do-Pai, ou considerar que esse operador não faz mais do que estar no lugar de um naquilo que falta estruturalmente não nos direciona para a mesma perspectiva terapêutica, segundo Zenoni¹⁶. No segundo caso é possível apostar em outros operadores que podem fazer suplência, como o Nome-do-Pai, a um nó estruturalmente faltoso. A prática deve se orientar sobre as modalidades de se seu tratamento fora do discurso que o próprio sujeito produz e se submete ao mesmo tempo. Ainda segundo Zenoni, tais formas de tratamento, inventadas pelo sujeito, podem nos inspirar e nos guiar no acompanhamento que lhes oferecemos.

Notemos que essa acentuação da dimensão pragmática da prática analítica, correlata à versão esquizofrenia da psicose, tem consequências para a clínica de forma geral, e concluímos, ainda segundo Zenoni, que a Pai-versão parece ser somente um caso, ainda que seja o mais frequente, de uma função mais geral. Ela é somente uma das versões do laço. “É na ponta do gozo não absorvido pelo significante - que não se esgota no Ideal, na identificação, na Lei, que reside o que faz para cada um sua irreduzível diferença¹⁷”.

* Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Associação Mundial de Psicanálise. Associada do CLIN-a.

¹ Lacan, J. “Formulações sobre a causalidade psíquica”. “In” *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1946/1998, p. 152-194.

² Brodsky, G. A loucura nossa de cada dia, *Opção Lacaniana on line*, ano 4, nº 12, 2013. http://www.opcaolacaniana.com.br/pdf/numero_12/a_loucura_nossa_cada_dia.pdf

³ Lacan, J. *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1955-56/1985.

⁴ _____ “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. “In” *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957/1998.

⁵ _____ *O Seminário, livro 22: RSI*, 1975, Inédito.

⁶ _____ *O Seminário, livro 23: O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1975-76/2007.

⁷ Miller, J.-A. “Clínica irônica”. “In” *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988/1996, p. 190.

⁸ Brodsky, G. *Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.

⁹ Miller, J.-A. *Os casos raros e inclassificáveis da clínica psicanalítica: a Conversação de Archon*. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1997/1998.

¹⁰ Brodsky, G. *Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias*. Belo Horizonte: Scriptum, 2011.

¹¹ Marielle, F. *Autisme et schizophrénie, Psychologie*. Université Rennes 2, 2012. Français. NNT : 2012REN20026

¹² Zenoni, A. *Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai*. *Psicol. rev.* (Belo Horizonte) [online]. 2007, vol. 13, n. 1, pp. 15-26. ISSN 1677-1168.

¹³ Escansões no ensino de J. Lacan (1981-1982). Inédito.

¹⁴ Brousse, M.-H. *Violência en la cultura. De la violencia legitimizada a la radicalización de la violencia*. *Bitacora Lacaniana*, Revista de Psicoanálisis de la Nueva Escuela Lacaniana – NEL, Número Extraordinario, Abril 2017.

¹⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro 6: O Desejo e sua Interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1958-59/2016.

¹⁶ Zenoni, A. *Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan*

sobre a questão do pai. Psicol. rev. (Belo Horizonte) [online]. 2007, vol. 13, n. 1, pp. 15-26. ISSN 1677-1168.

¹⁷ Zenoni, A. *Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai.* Psicol. rev. (Belo Horizonte) [online]. 2007, vol. 13, n. 1, pp. 15-26. ISSN 1677-1168.



Psicanálise e
a Cidade



Conversas com a cidade

Fabiola Ramon*, Kátilla Kormann Morel, Ricardo Coimbra de Mendonça,
Roberta Augusta Borges
Calixto Paravidini*

Este trabalho foi produzido entre e por vários. Ele apresenta um recorte do percurso do núcleo “Questões contemporâneas na clínica, na cultura e nas artes”, no ano de 2017, especificamente um momento em que nos colocamos em diálogo com a cidade. Além disso, apresentamos uma breve reflexão sobre o funcionamento do núcleo de investigação e o modo como nosso trabalho se inscreve nesse dispositivo de pesquisa.

O núcleo

Este núcleo se propõe a “destacar” e trabalhar questões contemporâneas presentes na clínica, nas instituições, no laço, na vida. São impasses, fenômenos e sintomas que convocam a psicanálise a tomar partido, ou seja, tomar a palavra sobre os imbróglis do nosso tempo.

Seguimos com Laurent¹ e Brousse², que destacam que o discurso analítico pode lançar um olhar de interrogação sobre o imperativo de gozo e os significantes mestres que circulam na civilização.

Como em uma análise, em que a fala que habita o corpo ganha um novo estatuto, desnaturalizado da função normativa, provocando estra-

nhamento com a própria fala para que ela tome o lugar desse Outro que fala no sujeito, assim também buscamos trabalhar nas nossas investigações. Mais do que procurar a desnaturalização dos significantes mestres, posição alicerçada no discurso histórico e presente nos movimentos de militância, nossa bússola é o discurso analítico que não se satisfaz na denúncia, mas que coloca em movimento de trabalho o gozo e o objeto em jogo.

Uma pergunta lógica a partir de nossas investigações foi: “como a psicanálise pode se localizar em relação ao social, se é no singular que ela faz sua inscrição?” Freud nos responde: “toda psicologia individual é também e, ao mesmo tempo, social”³. Podemos ler essa formulação a partir da ideia de que a dialética do desejo não é individual e o inconsciente, como discurso do Outro, convoca-nos, como praticantes da psicanálise, a decifrar o movimento simbólico de nossa época⁴.

O coletivo de investigação desse núcleo aposta na incidência transgressora e não revolucionária do discurso da psicanálise, que é subversivo “por sustentar os furos e pontos cegos em torno dos quais todos os discursos giram”⁵. É justamente por portar esta dimensão subversiva que o discurso da psicanálise no campo da civilização mantém-se a certa distância da exigência norteadora de “resolução do mal-estar”, que parece orientar muitas práticas e instituições que se dispõem a tratar o sofrimento humano e seus efeitos sintomáticos⁶.

Por sustentar uma política do sofrimento do falasser que não se deixa seduzir pela tão revolucionária quanto delirante resolução do mal-estar, a psicanálise, como que suspendendo uma temporalidade da pressa resolutive, se propõe a olhar a partir de uma posição êxtima para as proposições institucionais que se colocam na complexa tarefa de dar conta do mal-estar na contemporaneidade, sendo marcados frequentemente pelo impiedoso ideal da eficácia. Nessa direção, nos endereçamos à cidade, buscando serviços e profissionais que pudessem conversar conosco e trazer experiências clínicas para o debate.

As conversas

O ponto de partida foram os “Assuntos de Família”, tema do VIII Enapol 2017, destacando os seguintes pontos: violência doméstica e questões

de gênero. Instigados por esses temas e pelas questões extraídas deles, nos endereçamos à cidade.

Violência doméstica

Recebemos profissionais (dois médicos, uma assistente social e uma psicóloga) de uma instituição pública referência no Estado que atende crianças e famílias em situação de violência. Para iniciar a conversa, antes do encontro, a coordenadora do núcleo visitou a instituição e convidou a equipe a formular uma questão sobre seu trabalho e endereçar ao núcleo.

A equipe apresentou-se angustiada e trouxe para a conversa questões clínicas e institucionais. O ponto central tocava na questão da ausência da fala, do fato do ato violento tomar o lugar da fala. Por meio de um caso clínico trazido pela equipe, conversamos sobre a precariedade simbólica e uma resposta possível que não recaia na impotência ou angústia que clama pelo retorno de “um pai ideal”, suposto organizador da norma e da lei.

Na conversa também pudemos destacar o significante “resolubilidade”. A orientação institucional do trabalho se dá pela via imperativa da “resolução dos casos”, imperativo de eficácia do mestre contemporâneo que, se levado à radicalidade, a ponto de fazer crer numa possível regulação objetiva e mensuração concreta da resolução, rechaça o que é da ordem do sujeito. Do ponto de vista dos profissionais, de que se trata uma “resolução”? De que forma esse imperativo tem consequências para o trabalho? Por parte da instituição, a fantasia da resolubilidade e da eficácia da técnica e da mensuração seria uma maneira de tentar apagar os furos no discurso institucional? Uma fantasia que tenta dar conta da impotência diante de um real que se impõe, mas que pode ter como efeito o não investimento dos profissionais nos casos atendidos por já o tomarem, a *priori*, como casos sem ou de difícil resolubilidade.

Nessa conversa apostamos na incidência do discurso analítico em seu encontro com o discurso do mestre, principalmente quando este último acusa certa falência do próprio discurso. Consentir com o que se escuta, o que se vê, o que se mostra e o que se esconde e poder legitimar que não se trata puramente de “resolução”, mas de tratamento para um modo de gozo e singulares modos de amarração orientou o tom e os caminhos desse encontro.

A equipe se mostrou ávida à conversa. Apostamos nessa mesma posição que apresentavam ali como possibilidade para a abertura à escuta de possíveis pontos de amarração nos casos atendidos, pontos esses que se darão no caso a caso. A questão da padronização institucional e captura da equipe por essa demanda foi cedendo espaço para a importância do caso a caso.

Para nossas investigações, o encontro com a equipe nos ajudou a pensar sobre a violência como sintoma e as diversas ferramentas de leitura e intervenção desse sintoma no contemporâneo: da ciência que busca uma “programação” exata e tenta se garantir nos protocolos de atendimento com treinamentos comportamentais que rechaçam o sujeito, à psicanálise, que segue com o desafio de compreender a desordem simbólica do contemporâneo para além do pai e da ordem fálica, tanto em relação aos dispositivos de tratamento, quanto em relação aos conceitos e a clínica que oferece.

Questões de gênero

Foram dois encontros com esse tema. No primeiro, recebemos um psiquiatra e uma psicóloga de um laboratório de sexualidade de uma instituição pública reconhecida no Estado para a discussão de um caso clínico, e no segundo encontro, fizemos uma discussão a partir do texto de Clotilde Leguil⁷, “O ser e o gênero” e de trechos do documentário de Eliane Brum “Laerte-se”⁸.

A discussão do caso com a equipe nos conduziu para dois pontos principais: a angústia da equipe em relação ao lugar institucional quanto à questão do gênero, para além da definição objetiva da escolha por um gênero; e a dificuldade em escutar e se situar em relação às demandas que são endereçadas à instituição. No caso apresentado, por exemplo, tratava-se de uma criança, mas a demanda em jogo era da família.

Ao se escutar, a equipe pôde perceber o pouco que estavam acolhendo as questões da criança e se localizarem melhor em relação ao atendimento. A discussão do caso propiciou uma abertura no discurso a partir da posição ex-tima que foi possível operar, colocando em suspensão a certeza da demanda transgênero e favorecendo a escuta do sujeito em sua articulação desejante.

Mesmo nos casos em que o sujeito endereça diretamente algo da questão de gênero à instituição, não se trata de uma simples definição apreendida

por meio de testes. As questões que se colocam para esses sujeitos são particulares e demandam uma escuta particular. Esse ponto foi importante para diferenciar o universal e uniforme da instituição e o singular que constitui a relação dos seres falantes com a sexualidade. A equipe fala e tem clareza deste impossível de se escrever em relação ao sexo, mas vê-se impotente diante da demanda de resolução.

Desde Freud, a questão de gênero é colocada para além da diferença anatômica dos sexos. Embora o significante “gênero” tenha tomado ares de um significante mestre na contemporaneidade e não seja encontrado em Freud com a consistência imaginária da atualidade, é a partir da noção da bissexualidade como condição originária de todo sujeito que a Psicanálise parte do fundamento de que há uma disjunção estrutural entre o corpo biológico e o ser. Nas palavras de Clotilde Leguil, as questões de gênero são da ordem de uma contingência e dizem respeito a como cada um interpreta seu sexo e seu gênero, o que foi sendo tecido pelas palavras do Outro. Leguil aponta para a condição subversiva da psicanálise em que nenhuma norma social responde sobre o ser do sujeito e fazer psicanálise consiste em desfazer-se do apego inconsciente à normalidade⁹.

Essas afirmações nos levaram a tencionar a perspectiva da psicanálise com as teorias de gênero, que sustentam que gênero e sexo são construções sociais, fabricações históricas e culturais. Se as condições biológicas e sociais não são determinantes para o gênero, também não são sem consequência. As diferenças anatômicas engendram consequências psíquicas que, enlaçadas com os efeitos de discurso colocam uma questão para cada sujeito, sendo importante a resposta singular construída por cada um.

Para Lacan, “O impasse sexual secreta as ficções que racionalizam o impossível dos quais elas provem”¹⁰. Desse modo, não há solução universal para fazer frente a não relação sexual. Só existe a solução que cada falasser inventa.

A perspectiva da invenção foi discutida a partir do documentário “Laerte-se”. Em um dos trechos, Laerte comenta sobre tal mudança, que se trataria talvez de “uma investigação da mulher que posso ser...” (sic) apontando para a dimensão de que algo também não está dado ou garantido, mas que a artista busca conhecer, passear, e a partir da própria experiência, escrever seu corpo.

Para finalizar

Destacamos um ponto conclusivo extraído do trabalho de amarração em que as conversas com a cidade, junto às leituras e discussões nos conduziram e que foi se revelando como orientador e ao mesmo tempo, “achado” das investigações: a verificação de que há algo de novo no campo simbólico, constatado a partir dos efeitos sobre os corpos, os laços, os atos, as ficções, as identificações, os sintomas, as instituições, as organizações políticas e outras produções dos seres falantes.

Cabe à psicanálise o desafio de leitura disso que se coloca como novo no campo simbólico, mas para isso, é preciso estar atento para não tomarmos *a priori* como “uma nova ordem totalmente outra” (revolucionária), dando a ela uma consistência de existência, levando-nos em última instância, a um novo padrão normativo. É preciso considerar que novos ordenamentos simbólicos têm se mostrado e é na articulação com o real e o imaginário que podemos nos atentar para ler o que se mostra, o que se inscreve, o que se escreve, sem nunca abrir mão de se debruçar sobre aquilo que “não se escreve”.

*Produção a partir das discussões do Núcleo de pesquisa “Questões contemporâneas na clínica, na cultura e nas artes”, realizado em 2017 no CLIN-a de Ribeirão Preto, sob coordenação de Fabiola Ramon.

*Associada ao CLIN-a, correspondente da Seção São Paulo EBP, Mestre em saúde Mental (FMRP-USP).

*Participantes do Núcleo “Questões contemporâneas na clínica, na cultura e nas e nas artes”.

¹ Laurent, E. (1999). “O analista cidadão”. In: *Revista Curinga*. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise.

² Brousse, M-H. (2003). *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

³ Freud, S. (1969 [1921]). “Psicologia das massas e análise do eu”. “In” *Edição Standard brasileira das Obras psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

⁴ Brousse, M-H. (2003). *O inconsciente é a política*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

⁵ Idem.

⁶ Abordaremos sobre o imperativo institucional da resolubilidade na sequência do texto.

⁷ Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise.

⁸ Brum, E. (2017). *Laerte-se*. Documentário Netflix.

⁹ Leguil, C. (2016). *O ser e o gênero*. São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 96.

¹⁰ Lacan, J. (1998). “Televisão”. “In” *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Citado por: Idem, p. 8.



Resumos



Os limites da Interpretação

Marie-Hélène Brousse

Resumo: Marie-Hélène Brousse aborda os limites da interpretação tomando como bússola Jacques-Alain Miller em seu curso de 2006-2007, onde ele faz a distinção entre o inconsciente transferencial e o inconsciente real.

Ela nos apresenta duas modalidades da interpretação, a partir do equívoco que encontra em seu título: “Os limites da Interpretação”. O limite da interpretação é a interpretação enquanto ela é limitada, mas é também a interpretação que faz limite, que tem o poder de colocar limite. Brousse fará um percurso da interpretação freudiana, localizando a diferença da interpretação metódica feita por Freud e a interpretação hoje, a luz de Lacan.

Palavras-chave: Interpretação, Inconsciente transferencial, Inconsciente Real, Significante, fala e gozo.

Abstract: Marie-Hélène Brousse touches on the limits of interpretation, guided by Jacques-Alain Miller’s 2006-2007 seminar, in which the latter establishes a distinction between the transferential unconscious and the real unconscious. The author presents two modalities of interpretation stemming from the inaccuracy found on her title: “The limits of interpretation”. The limit for interpretation is interpretation in its insufficiency, but interpretation itself creates a limit, that is, has the power to set a limit. Brousse will thus set a course through Freudian interpretation and establish its difference to interpretation today, guided by Lacan’s teachings.

Keywords: Interpretation, Transferential unconscious, Real unconscious, Signifier, speech and jouissance.

Seu corpo não é seu ser

Luciana Ernanny Legey

Resumo: A partir de uma caso clínico a autora aborda as relações entre transferência e a interpretação. É na aposta de que o dispositivo da análise possa ser um instrumento possível para a localização da verdadeira causa que afeta o individuo e o sujeito do inconsciente² possa emergir, que a interpretação pode ocorrer.

Palavras-chave: psicanálise, transferência, interpretação, doença orgânica.

Abstract: Through the examination of a clinical case the author touches on the relations between transference and interpretation. The bet is placed on the analytical setting as a tool for finding the true cause that affects a person, so that the unconscious subject may arise as well as interpretation may take place.

Keywords: psychoanalysis, transference, interpretation, organic illness.

Sobre o conceito de interpretação e algumas funções

Marcella Pereira de Oliveira

Resumo: Este artigo trata do conceito de interpretação em Freud e Lacan com objetivo de dissertar sobre a importância deste conceito para a psicanálise em termos epistemológicos e suas funções na clínica. A escrita foi baseada em textos clássicos dos autores e na menção de um exemplo clínico.

Palavras-chave: interpretação; psicanálise; clínica.

Abstract: This article deals with the concept of interpretation in Freud and Lacan with the purpose of discussing the importance of this concept for

psychoanalysis in epistemological terms and its functions in the clinic. The writing was based on the classic texts of the authors and on the mention of a clinical example.

Keywords: interpretation; psychoanalysis; clinic.

O sujeito, o vazio e a interpretação

Maria Aparecida Malveira

Resumo: Buscamos abordar à luz das contribuições da psicanálise, os efeitos da interpretação no falante do corpo.

Palavras-chave: sujeito, corpo, vazio, gozo.

Abstract: We seek to approach in the light of the contributions of psychoanalysis, the effects of interpretation on the enjoyment body.

Keywords: subject, body, empty, enjoy.

Interpretação e Corpo apontamentos iniciais

Paola Salinas

Resumo: Esse texto aborda a relação entre interpretação e acontecimento de corpo, a partir do efeito da palavra do analista, não atrelada ao sentido.

Palavras-chave: acontecimento de corpo, psicanálise, interpretação, sentido.

Abstract: This text revolves around the relation between interpretation and body events that stem from the analyst's word but are devoid of meaning.

Keywords: body events, psychoanalysis, interpretation, meaning.

Inconsciente Interpretante

Paula Catunda

Resumo: Este trabalho traz uma reflexão a respeito da interpretação, mais especificamente sobre o momento em que começam os sonhos em uma análise de uma histérica atendida na clínica do CLIN-a.

Palavras-chave: interpretação, sonho, psicanálise, construção.

Abstract: This paper describes a reflection on interpretations during the analysis of a patient at CLIN-a clinic, more specifically, at the moment dreaming occurs.

Keywords: interpreting, dreams, psychoanalysis, construction.

A criança, o inconsciente, a família – O que se interpreta?

Heloisa Prado Rodrigues da Silva Telles

Resumo: O texto dedica-se a questões da clínica psicanalítica com a criança, o trabalho com os pais e o lugar da interpretação. O percurso realizado aborda temas como a criança e o inconsciente, o sintoma da criança, as ficções familiares.

Palavras-chave: criança, inconsciente, sintoma, família.

Abstract: The text is dedicated to questions of psychoanalytic practice with the child, the practice with the parents and the place of interpretation. The course covered topics such as the child and the unconscious, the child's symptom, the family fictions.

Keywords: child, unconscious, symptom, family.

Entrevários - nº1- 2018

A loucura e o pai

Veridiana Marucio

Resumo: Esse trabalho foi apresentado em 2017 durante as preparatórias para as Jornadas anuais da Seção São Paulo, *Pai-versões*. Trata-se de uma breve elaboração a respeito da esquizofrenia como paradigma da segunda clínica de Lacan, através da articulação entre os conceitos de pai e loucura.

Palavras-chave: pai, loucura, segunda clínica, Lacan.

Abstract: This work was presented in 2017 during the preparatory meetings for the Annual Conferences of the São Paulo Section, *Père-versions*. It is a brief elaboration about schizophrenia as a paradigm of the second Lacan clinic through the articulation between the concepts of father and madness.

Keywords: father, madness, second Lacan clinic.

Conversas com a cidade

Fabiola Ramon, Kátia Kormann Morel, Ricardo Coimbra de Mendonça,
Roberta Augusta Borges Calixto Paravidini

Resumo: Apresentamos um recorte do percurso do núcleo “Questões contemporâneas na clínica, na cultura e nas artes”, no ano de 2017, com destaque para a conversa sobre “Assuntos de Família” que estabelecemos com duas instituições da cidade em torno da violência doméstica e de questões de gênero. Além disso, refletimos sobre o funcionamento do núcleo e o modo como nosso trabalho se inscreve nesse dispositivo de investigação.

Palavras-chave: Núcleo de pesquisa, violência doméstica, gênero.

Abstract: This essay is part of the work process that was built on the research group “Contemporary issues about clinic, culture and art”, in 2017. We chose to emphasize a conversation about “family issues” (VIII Enapol

Entrevários - nº1- 2018

theme) that we had with two public health institutions with the themes domestic violence and gender. In addition, we discussed the operating mode of the group and how it can be inscribed in this research device.

Keywords: Research group, domestic violence, gender.

Normas de Publicação

NORMAS DE PUBLICAÇÃO

Os artigos devem ser encaminhados pela Internet para Rômulo Ferreira da Silva (romulofs@uol.com.br). Os trabalhos enviados serão apreciados pela Comissão Editorial, com vistas à aprovação para publicação segundo seu caráter de rigor epistemológico e relevância. O Conselho Editorial poderá fazer uso de consultores *ad hoc* a seu critério.

Os trabalhos devem ser enviados em arquivo no programa *Word for Windows*, versão 6.0 ou superior, fonte Courier New, corpo de letra 12, digitados com espaço 1,5. [L] [SEP]

Os autores serão notificados da aceitação ou recusa de seus artigos. Os trabalhos serão submetidos à revisão, podendo resultar em alterações na forma do texto, a critério da Comissão Editorial, assim como em recomendações de modificações no texto para o próprio autor providencie. [L] [SEP]

Os artigos aceitos serão publicados conforme a programação da revista e os originais não serão devolvidos. [L] [SEP]

O envio implica automaticamente a autorização do autor e a cessão à revista *Entrevários* dos direitos autorais patrimoniais referentes exclusivamente à publicação na mesma. O autor continuará a deter os direitos autorais para publicá-lo posteriormente na íntegra ou reproduzi-lo parcialmente. [L] [SEP]

Os pontos de vista e as opiniões emitidas pelos autores são de inteira responsabilidade dos mesmos. [L] [SEP]

A apresentação dos trabalhos deve conter título, nome do(s) autor(es), filiação institucional, endereço para correspondência e e-mail. [L] [SEP]

Os artigos devem ser acrescidos de um resumo de no máximo 5 linhas em português, em inglês (*summary*). Deve constar também a indicação de 3 a 5 palavras-chave. [L] [SEP]

As citações literais de até 3 linhas devem estar encerradas entre aspas duplas e inseridas no próprio parágrafo do texto sem alterações do tipo de letra. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação. As citações com mais de 3 linhas devem ser destacadas com recuo de 4 cm da margem esquerda, com letra menor que a do texto utilizado e sem aspas. [L] [SEP]

As supressões, interpolações e comentários no texto deverão vir entre

colchetes [], e a ênfase ou destaque em itálico. Para enfatizar trechos da citação, deve-se destacá-los indicando essa alteração com a expressão (grifo nosso) entre parênteses, após a citação. Caso o destaque seja do autor consultado, usa-se a expressão (grifo do autor) entre parênteses. Nas citações de trechos de obras traduzidas livremente, usa-se a expressão (tradução nossa) entre parênteses, após a citação. [L] [SEP]

Entrevários - no. 14 - p.139-141 - Setembro de 2015

Todos os trabalhos mencionados no texto devem constar como referência em notas de rodapé, que devem ser listadas no final do texto, fonte Courier New, tamanho 10, respeitando os seguintes modelos:

Livros – Ex: Lacan, J. (1991[1969-1970]). O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

Artigo de livro – Ex: Miller, J.-A. (1999). “O que fazer com o gozo”. In: Jimenez, S. e Motta, M. (org.). O desejo é o diabo. Rio de Janeiro: Contracapa, 1999.

Artigo de revista – Ex: Laurent, É. (2005). “O efeito ‘falsa ciência’ do cognitivismo”. In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise* (42). São Paulo: Eolia.

Artigo de revista no prelo – sobrenome do autor e iniciais do primeiro nome seguidas de ponto. Prelo entre parênteses seguido do título do artigo entre aspas, e do periódico em itálico.

Trabalho apresentado e não publicado – Ex: Jimenez S. [2007]. “Olhares”. Trabalho apresentado nas XVIII Jornadas Clínicas da EBP-RJ – Objetos soletrados no corpo, Rio de Janeiro, em novembro de 2007. (Inédito)

Teses ou dissertações não publicadas – Ex: Zucchi, M. (2007). “O destino da anatomia: o inconsciente e suas relações com o corpo nos sintomas contemporâneos”. Tese de doutorado, curso de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Inédito).

Obras retiradas de meios eletrônicos (CD-ROM, disquetes, etc) – Ex: *Mariage, V. (2003). Déloger l’amour. Coffret 2 CD-Rom Revues de L’école de La Cause Freudienne. Paris: ECF.* [L] [SEP]

Obras consultadas on line – sobrenome do autor e iniciais do primeiro nome seguidas de ponto, ano da edição entre parênteses, título da obra

em itálico acrescentados das informações relativas ao endereço eletrônico apresentado entre os sinais <>, seguido pelas expressões: Recuperado em data: URL. [L]
[SEP]

Comunicação pessoal – Citar o texto com o sobrenome, iniciais do emissor, data, acrescentados das informações relativas. [L]
[SEP]

Artigo com dois autores – Ex: Miller, J.-A. e Laurent, É. [L]
[SEP]

Artigo com três a cinco autores – cite o sobrenome do primeiro autor seguido de et al. e da data. Nas Referências Bibliográficas todos os nomes dos autores deverão ser relacionados. [L]
[SEP]

• Citação secundária – Ex: Lacan, J. *apud* Tarrab, M. (2008). “La fuga del sentido y la práctica analítica”. Buenos Aires: Grama ediciones.

• Referências bibliográficas – no final do texto em ordem alfabética seguindo as normas de publicação das notas. No caso de mais de uma obra do mesmo autor as menções deverão ser dispostas em ordem.



CLIN-a

Centro Lacartiano de Investigação da Ansiedade
Associado ao Instituto do Campo Freudiano de São Paulo